



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E
COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ADIEL BERNARDO DA SILVA

**O LUGAR DO DOCENTE DE PORTUGUÊS NO *INSTAGRAM*: PRÁTICAS DE
ESCRITA DA REDAÇÃO NOTA MIL**

Recife
2023

ADIEL BERNARDO DA SILVA

**O LUGAR DO DOCENTE DE PORTUGUÊS NO *INSTAGRAM*: PRÁTICAS DE
ESCRITA DA REDAÇÃO NOTA MIL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Evandra Grigoletto

Recife
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Adiel Bernardo da .

O lugar do docente de português no instagram: práticas de escrita da
redação nota mil / Adiel Bernardo da Silva. - Recife, 2023.

61 p. : il., tab.

Orientador(a): Evandra Grigoletto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura,
2023.

1. Redação. 2. Análise do Discurso. 3. Empreendedorismo. I. Grigoletto,
Evandra. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

ADIEL BERNARDO DA SILVA
O LUGAR DO DOCENTE DE PORTUGUÊS NO *INSTAGRAM*: PRÁTICAS DE ESCRITA DA
REDAÇÃO NOTA MIL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras Português da
Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em
Letras/Português.

Data: 28/09/2023

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Evandra Grigoletto

UFPE/Departamento de Letras

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Fabiana Ferreira

Nascimento de Souza

UFPE/Departamento de Letras

À minha avó materna Hermita Francisca (*in
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Desde o dia que adentrei ao curso de Letras na UFPE penso sobre o que escreveria nos agradecimentos do meu TCC, e isso diz muito sobre os efeitos da ansiedade sobre meu organismo tão falho, tão humano.

Não tenho outra forma de iniciar esta seção sem ser agradecendo a Deus por sua graça e por sua força tão misericordiosas. Obrigado, meu Deus, por me conceder a dádiva da vida e por nunca me abandonar ao longo de toda a minha caminhada na terra, sobretudo durante essa graduação, a qual nunca pensei que concluiria.

A caminhada até aqui foi composta por muitos desafios e incertezas que, dentre outras coisas, foi marcada pelo *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Quando aquele jovem Adiel decidiu que faria faculdade de Letras, ainda mais em uma Universidade Federal, teve como resposta do universo o acontecimento que viria a desestabilizar (ainda mais) esse País: um golpe parlamentar. Nunca me esquecerei o quanto chorei quando cheguei em casa da escola e vi as imagens da Presidenta saindo do seu lugar de direito e indo ao encontro de seus apoiadores. Ali, para mim, era o fim do meu tão jovem e sensível sonho de ser professor e, ainda mais, de estudar em uma Universidade Pública. Entretanto, o destino me provou o contrário.

Preciso agradecer, antes de mais nada, à UFPE, enquanto Instituição de Ensino Superior de excelência, por ter sido minha morada e motivação durante esses últimos cinco anos. Mesmo quando pensei em desistir, por volta do segundo período do curso, perambular por você me fez perceber que eu estava onde sempre sonhei estar, e que não poderia abrir mão disso por nada nem ninguém. Agradeço ao CNPq por nunca ter deixado de financiar e apoiar meus projetos de Iniciação Científica, os quais nunca pensei que seriam dignos de tal reconhecimento. Agradeço também ao NEPLEV (Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual) pelo acolhimento e momentos de partilha.

Ter estudado com bolsa em uma conhecida escola particular da região em que morava sempre me fez lembrar que eu não tinha, nem teria, nada de mãos beijadas - se eu quisesse algo, teria que lutar por isso. Porém, em meio a todas as intempéries que a vida me apresentou, meus pais, Antonio José da Silva e Maria Ivone Bernardo da Silva, nunca me deixaram faltar nada; muito pelo contrário, eles me proviram tudo o que tenho até hoje, seja em princípios e crenças, seja em bens materiais. A eles, um gari e uma professora de português, devo minha eterna gratidão, meu devido respeito e meu imensurável amor.

Obrigado por tudo, sempre.

Mesmo com todas as desavenças, sempre reflito sobre o quão agraciado fui por ter a família bem estruturada que tenho. Aos meus tios, minhas tias, meus primos, minhas primas, meus avós paternos e meus avós maternos (*in memoriam*), obrigado por proporcionarem todo o berço de carinho em que me estruturei enquanto sujeito. Em especial, agradeço a minha tia Ivone Maria da Silva, a quem sempre chamei de *Tivone* e sempre considerei como segunda mãe. Obrigado por me amar e proteger tanto.

Para além dos laços familiares, essa jornada só foi possível e mais agradável graças a uma rede de afetos que foi desenvolvida desde a época do Ensino Fundamental II no Colégio Invest Centro Educacional. Aos meus amigos de jornada escolar, Enderson Gomes, Joyce Félix, Danilo Santos e Gabriel Castro, obrigado por sempre acreditarem em mim e tornarem a vida mais leve.

Agradeço a Enderson, por todo o apoio e incentivo na minha época de vestibulando. Nunca esquecerei daquela tarde de Janeiro de 2017 em que você me fez perceber que o sonho de entrar na UFPE não era tão impossível quanto eu pensava. A Joyce, por sempre ter o olhar sensível de uma psicóloga desde tão cedo e ter me confortado/aconselhado durante o Ensino Médio. A Danilo, por sempre me entender, acolher e acreditar no meu potencial, mesmo quando eu não acreditei. A Gabriel, por todo cuidado fraternal de sempre, em especial ao me levar até a UFPE, especialmente àquela portinha do CCSA, para que eu pudesse entregar meus documentos e realizar a pré-matrícula no curso que agora estou finalizando. O seu cuidado e proteção naquele dia foi um divisor de águas para aquele Adiel que nunca tinha ido, até então, para a Zona Oeste do Recife e não tinha ninguém para acompanhá-lo naquele momento.

A UFPE me proporcionou criar uma rede afetiva que jamais poderia sonhar em desenvolver quando adentrei ao curso em 2018.2. Entre chegadas e partidas, duas pessoas tornaram-se amigos de longa data: Eduarda Gomes e Maurício Barbosa. A eles, eu devo grande parte dessa exaustiva e enriquecedora jornada acadêmica. Obrigado pela constante parceria, pelas brigas compradas, pelas risadas e pelos momentos compartilhados. Obrigado por sempre estarem presentes junto a mim, especialmente quando fui representante de sala. Obrigado, Mau, por ter sido meu vice por tanto tempo. Obrigado, Eduarda, por ser a razão quando eu e Maurício estávamos distantes dos nossos “normais”. Obrigado, a vocês dois, por serem e estarem comigo até aqui.

Em todos esses cinco anos de curso, diversos professores me agradeceram com seu

conhecimento, e até mesmo amizade. À Professora Medianeira Souza, fiel companheira das aulas *on-line* da pandemia de COVID-19, obrigado pela parceria, companheirismo e cuidado. Ter sido seu aluno e ter me tornado seu amigo é algo muito especial para mim. Às Professoras Suzana Cortez e Ana Lima, obrigado por todas as risadas e trocas de conhecimento; suas aulas me fizeram perceber que o processo de ensino-aprendizagem de língua(gem) pode ser mais humano e reflexivo, não precisamos morrer em prol da gramática para sermos excelentes profissionais de Letras. À Professora Fernanda Galli, obrigado não só pela parceria acadêmica enquanto Professora Orientadora de Monitoria, mas também pela sua amizade tão leve e tão doce. Obrigado por todo o carinho.

Agradeço também à Professora Fabiana Ferreira, minha querida Fabi, por, primeiramente, ser esse ser iluminado que transborda afeto e compaixão pelo próximo. Obrigado por sempre me proporcionar momentos de reflexão, partilha e descontração. Obrigado, inclusive, por ter aceitado meu acanhado e singelo convite para compor a banca examinadora desta monografia. Não poderia ter escolhido alguém melhor para compartilhar a realização deste sonho.

Falando, inclusive, de Professoras, não posso nunca deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Evandra Grigoletto. Evandra, ou melhor, *chefa*, obrigado por ter me acolhido sem nem exitar naquele tão conturbado 2020, no auge da pandemia de COVID-19, para ser seu bolsista de Iniciação Científica. Desde aquele momento, nossa relação nunca mais acabou – nem acabará. Sinto-me honrado de ser seu orientando e constante aprendiz. Sua integridade, sua dedicação e seu comprometimento são valores que tenho orgulho de compartilhar e seguir. Obrigado por sempre me compreender e acolher, especialmente nos meus momentos mais difíceis. Seus abraços e suas risadas são de um conforto inimaginável. Tenho orgulho de ser *Grigolette*.

Inclusive, não posso falar de *Grigolette* sem lembrar do meu amigo Thiago Costa, a quem carinhosamente chamo de *papi*. Thi, obrigado, primeiramente, por ter me acolhido no dia da pré-matrícula e nunca mais ter soltado minha mão. Obrigado por sempre me aconselhar e cuidar durante a graduação. Obrigado, principalmente, por ter me levado até a nossa *chefa* Evandra. Obrigado, sobretudo, por confiar no meu potencial, talvez até mais do que eu mesmo. Obrigado por ter sido para mim um ponto norteador dentro da UFPE.

Preciso agradecer, também, a rede de afetos que desenvolvi graças a um jogo de realidade virtual aumentada, vulgo *Pokémon GO*. Aos meus amigos da UFPE, Hernando Neto, Alan Dias e Neto Araújo, obrigado por tornarem os momentos de lazer na Universidade uma válvula de escape para as loucuras da graduação. Aos amigos que fiz ao caminhar pelo

Parque da Jaqueira e pelo Marco Zero, Adelson, Luiz, Núbia, Ygor, Carol e Clóvis, obrigado pelo companheirismo e por todas as risadas compartilhadas. A vocês todos, sobretudo, obrigado pelo carinho, proteção e cuidados constantes.

Por fim, agradeço ao universo e ao destino pela caminhada até então. Todas as oportunidades que me foram concedidas e negadas serviram para moldar o Adiel que sou hoje. Toda essa rede de afeto e de carinho é o que me sustentou até hoje. Confesso e reconheço que sem cada um de vocês eu não estaria aqui, escrevendo esta monografia, concluindo este curso, realizando esse sonho.

*“I once was lost
But now I'm found
I got my feet on solid ground
Thank you Lord”*

“Make it happen” by Mariah Carey

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma discussão sobre o lugar do professor de língua portuguesa no *Instagram*. Para isso, tenho como principal objetivo compreender o funcionamento da apropriação da forma-sujeito professor de português pelos sujeitos-usuários dessa rede social. Isto posto, levo em consideração os efeitos produzidos pelo ENEM enquanto principal exame vestibular do País, que afeta todas as práticas de ensino e de aprendizagem do sistema de educação básica brasileiro, sobretudo o Ensino Médio. Dessa forma, dentre as cinco provas que compõem o exame, volto meu olhar para a prova de redação, a única em que é possível atingir a nota mil. No decorrer dos últimos anos, o mercado educacional brasileiro aperfeiçoou-se e desenvolveu novas técnicas que possibilitam ao candidato atingir a nota máxima na redação, minimizando o esforço durante a realização do exame. Nessa conjuntura, essa disseminação dessas práticas tornou-se cada vez mais comum na *internet*, sobretudo nas redes sociais, como no *Instagram*, em que perfis adquirem prestígio por ensinar esse tipo de conteúdo de forma fácil e acessível. Sob essa ótica, não é mais necessário ser professor de português para ensinar sobre texto, pois, com base nos pressupostos da BNCC (2018) acerca do notório saber, qualquer sujeito-usuário que detenha conhecimento sobre dado assunto pode assumir a posição-sujeito de professor, apagando, consequentemente, esse local social. Nessa conjuntura, busco também i) identificar a concepção de texto adotada pelos perfis voltados à propagação de modelos prontos de redação do ENEM; ii) analisar os efeitos do empreendedorismo no apagamento do lugar de professor de português no *Instagram*; e iii) entender o funcionamento e os efeitos do espaço virtual nesses processos de apropriação, empreendedorismo e apagamento. Busco fazer isso ao longo de dois capítulos, sob a luz dos estudos de Althusser (1985), Brasil (2019, 2022), Grigoletto (2005, 2011, 2021), Grigoletto e França (2018), Han (2018), Kramer Wanderley (2020), Lévy (1996), Mariani (2018), Orlandi (2015, 2020), Paveau (2021), Pêcheux (2014a, 2014b), Pêcheux e Fuchs (2014), Schons e Grigoletto (2007) e Zuboff (2018). Metodologicamente falando, o *corpus* desta monografia é composto de capturas de tela de publicações de perfis que foram catalogados através da *hashtag* #redacaoenem e produzem materiais sobre a redação do ENEM, como dicas textuais, gramaticais e socioculturais, além de modelos textuais prontos. Dessa forma, com base nas sequências discursivas aqui dispostas, valho-me do referencial teórico da Análise de Discurso Pecheuxtiana para analisar as materialidades selecionadas, tendo em vista que esta me possibilita, por intermédio de seus dispositivos teóricos de interpretação, pensar na articulação língua-sujeito-ideologia. Como resultado desse percurso, no primeiro capítulo, pude, em primeiro lugar, compreender o funcionamento do algoritmo do *Instagram*, observando os efeitos da inteligência artificial nos gestos dos sujeitos-usuários que se inscrevem nessa rede social para, consequentemente, entender a noção de texto que norteia esses perfis, isto é, a de língua enquanto sistema. Em contrapartida, no segundo capítulo, pude refletir de forma produtiva sobre a noção de sujeito-usuário, os efeitos do empreendedorismo sob a luz da BNCC e as práticas de apagamento da forma-sujeito professor de português no *Instagram*.

Palavras-chave: Redação. Discurso. Sujeito-professor de Português. Empreendedorismo. Apagamento.

ABSTRACT

The present final paper introduces a discussion about the position a Portuguese language teacher attends on Instagram. To begin with, the main objective is to acknowledge how it functions the branch of knowledge appropriation of an Brazilian Portuguese academic by its specimen-users claim in this social media. In addition to that, I take in consideration the majority effects provoked by ENEM (School national exam) being the most important final assessment of the country, therefore influencing all teaching practices in the basic Brazilian education system, above all high school. Thereby, among the five exams which comprises the examination I take the proposition forward to the essay test as the only assessment section possible to achieve the highest score of a thousand points. Eventually, the Brazilian education market investigated in the last years a way to perfect and develop new techniques so as to make possible applicants to reach the highest score on the essay test. However, those developments encouraged the dissemination of textual written models which resemble the formula of essay production seeking to lessen the applicant's effort during writing production. As a state of affairs, these practices became more common on the internet, therefore, on social media like Instagram, in which profiles acquired prestige for teaching those genres of content easily accessible. In so far as the scenario, it is reasonable to assume it is not necessary anymore to be a Portuguese teacher to teach textual contents since based on the BNCC (The national curriculum base, 2019) about the notorious knowledge every individual-user who detains such expertise as to assume the position of teacher/professor, eventually, erasing the mastery social proficiency. Similarly, pursue to i) identify the conception of text used by those profiles to disseminate those made models of ENEM essays; ii) analyze the entrepreneurship in erasing the Portuguese teacher on Instagram; also iii) understand the performance and effects the virtual place has on the appropriation proceedings. Nevertheless, the search will consist throughout the length of two chapters by its references and studies of Althusser (1985), Brasil (2019, 2022), Grigoletto (2005, 2011, 2021), Grigoletto and França (2018), Han (2018), Kramer Wanderley (2020) Lévy (1996), Mariani (2018), Orlandi (2015, 2020), Paveau (2021), Pêcheux (2014a, 2014b), Pêcheux and Fuchs (2014), Schons and Grigoletto (2007), and also Zuboff (2018). Methodologically, articulating the corpus of this monograph is powered by a hold of screen shots of those profiles publications listed through the hashtag #redacaoenem whereas those materials about ENEM writing are found as textual tips, grammar and sociocultural knowledge, besides the done essays models. Hence, the discussions presented I put into service the theoretical reference of Pecheux discussion analysis so as to examine the selected matters to discern further ahead the possibilities through its interpretation of theoretical appliances and the thinker articulation of language-individual-ideology. As a result of this path, on the First Chapter I was able to understand the Instagram algorithm exploits, observing the consequences of artificial intelligence on the manners of individual-users who follows this social media to consequently gather the idea of essay from those profiles guidance, in order to understand the language as a system. In contrast, the Second Chapter I could productively summarize the claim about subject-users, the effects of entrepreneurship in the optics of BNCC and the manner-subject erasure practices of Portuguese teachers on Instagram.

Key words: Essays. Discourse. Subject-Portuguese Teacher. Entrepreneurship. Erasure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Página inicial do <i>Instagram</i>	26
Figura 02 - O <i>explorar</i> e o <i>pesquisar</i> do <i>Instagram</i>	27
Figura 03 - A <i>hashtag</i> #redacaoenem no <i>Instagram</i>	28
Figura 04 - Cartilha do Participante 2022	36
Figura 05 - A fórmula (nem tão secreta) para nota mil	38
Figura 06 - Competências da redação do ENEM	39
Figura 07 - <i>Post</i> do perfil @dudaandrade.v	40
Figura 08 - <i>Post</i> do perfil @dwda.studies	43
Figura 09 - <i>Post</i> do perfil @med_descomplica	51
Figura 10 - <i>Post</i> do perfil @intragirestudios	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Noções de Texto	31
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
AD	Análise do Discurso
FD	Formação Discursiva
SD	Sequência Discursiva
IA	Inteligência Artificial
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
AIE	Aparelhos Ideológicos de Estado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I - COM A FORÇA DO <i>INSTAGRAM</i>, A NOTA MIL É POSSÍVEL.....	17
1.1 O FUNCIONAMENTO DOS ALGORITMOS DO <i>INSTAGRAM</i> E SEUS EFEITOS NOS PERFIS DE REDAÇÃO.....	19
1.2 A FÓRMULA (NEM TÃO SECRETA) PARA NOTA MIL.....	30
CAPÍTULO II - EM TEMPOS <i>INSTAGRAMÁVEIS</i>, SER PROFESSOR DE PORTUGUÊS.....	46
2.1 O LUGAR DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS NO <i>INSTAGRAM</i> : OS EFEITOS DO DISCURSO EMPREENDEDOR.....	47
ENFIM, O FIM.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

O Exame Nacional do Ensino Médio (doravante, ENEM), desde sua criação, em 1998, passou por diversas reformulações em todas as áreas do conhecimento em que objetiva avaliar o aluno, especialmente na redação, transformando-se na maior prova de vestibular do país. Em linhas gerais, o ENEM avalia o aluno através da produção de uma redação de cunho dissertativo-argumentativo sobre algum tema de relevância social na atualidade e de 180 questões objetivas, que são divididas em quatro áreas do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

Todavia, de todas essas provas, a de redação é a única do exame na qual o aluno pode atingir a nota mil¹, o que produz no mercado dos vestibulares a constante necessidade de desenvolver novos métodos que possibilitem aos estudantes a nota máxima na prova de redação. Nesse sentido, sabendo que as competências avaliativas da prova de redação levam em consideração a adequação à norma culta e ao gênero dissertativo-argumentativo, o uso de repertórios socioculturais e de conectivos, bem como a elaboração de uma proposta de intervenção para o problema citado, o mercado do vestibular investe, constantemente, na produção de dicas e de modelos prontos para otimizar o tempo do aluno na prova. Isso se dá pois o aluno dispõe de pouco menos de uma tarde para escrever um texto “perfeito” e resolver, de forma satisfatória, 90 questões no primeiro dia de prova.

Dessa forma, entendendo as condições de produção² nas quais o ENEM está inserido, as instituições de ensino básico nacionais e, em especial, os cursinhos pré-vestibulares, objetivando reconhecimento e, conseqüentemente, o lucro, passaram a vender a ideia de texto como um quebra-cabeça, isto é, um objeto no qual o aluno, dispondo das peças e orientações corretas, irá, no menor tempo possível, resolver o problema com êxito. Sob essa ótica, lanço mão da hipótese de que a prática de construir modelos prontos de textos do gênero dissertativo-argumentativo tornou-se, aparentemente, um caminho a ser seguido quase de forma hegemônica por esses

¹ De acordo com o Ministério da Educação, a prova do ENEM tem cinco notas: uma para cada área do conhecimento avaliada (linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas) e a média da redação. Para realizar o cálculo das notas em cada uma dessas quatro áreas do conhecimento, é utilizada a Teoria de Resposta ao Item (TRI), que procura medir o conhecimento do aluno a partir do comportamento observado em testes. O TRI permite que as provas do ENEM tenham o mesmo grau de dificuldade, pois as questões ganham um peso que varia conforme o desempenho dos alunos em testes previamente realizados. Assim, quanto mais alunos acertam uma determinada pergunta, menor é o peso que ela terá na prova, pois o grau de dificuldade é menor. Dessa forma, os limites da escala de notas variam conforme a dificuldade das questões, por isso o mínimo e o máximo para cada área não são pré-fixadas. Entretanto, em 2016, conforme o G1, um aluno acertou 166 das 180 questões da prova e tirou 1008,3 pontos na área de matemática, provando que, às vezes, esse sistema de avaliação falha. No caso da redação, esses critérios não se aplicam.

² Sob a luz de Pêcheux ([1969] 2014a), entendemos, *grosso modo*, as condições de produção como o contexto de determinado discurso e seu meio de produção.

estabelecimentos, tendo em vista que, ao fazê-lo, o aluno não precisaria dispor de tempo refletindo sobre questões socioculturais para produzir um texto, pois não é necessário pensar para escrever.

Assim, a elaboração de modelos prontos de redação que podem ser adaptados a cada tema tornou-se algo recorrente não só nesses ambientes institucionais, mas também na *internet*, como se vê em plataformas digitais tais quais o *YouTube*, o *Facebook* e o *Instagram*. Dentre essas, debruçarei-me sobre o *Instagram*, justamente por ser uma rede social cujo foco é publicar imagens e vídeos curtos, possibilitando a qualquer sujeito, independentemente de sua formação acadêmica, criar postagens apresentando modelos prontos de redação e, assim, obter lucro. Sob essa ótica, a forma-sujeito³ do professor de português passou de essencial a acessória, tendo em vista que, supostamente, não se faz mais necessário um especialista formado na área de Letras para ensinar alguém a produzir um texto e, por ventura, atingir a nota máxima. Nesse sentido, problematizo a ocorrência do apagamento dessa forma-sujeito nas condições de produção atuais, que é potencializada pelo funcionamento do digital no universo capitalista em que estamos inseridos.

Como consequência, tenho observado que qualquer sujeito que detenha o conhecimento dessas práticas e acesso à *internet* pode intitular-se *influenciador digital*, criar um perfil no *Instagram* para compartilhar esses materiais, produzindo *designs* atraentes, veiculando citações de pensadores dos diversos campos do saber, resumos sobre questões socioculturais, resenhas de produções audiovisuais e afins. Portanto, para que o professor de português possa manter-se em evidência e garantir seu espaço, faz-se necessária a submissão a esse sistema capitalista através do empreendedorismo, buscando adequar-se a esse novo modelo de ensino voltado estritamente à aprovação do estudante. Visto isso, não é incomum encontrarmos atualmente docentes que adentraram no espaço virtual (Grigoletto, 2011) para vender novos modelos textuais e estratégias argumentativas sobre os mais diversos temas, objetivando a obtenção de renda.

Nesse íterim, pretendo discutir neste trabalho os efeitos do empreendedorismo e do apagamento da forma-sujeito professor de português no *Instagram*, tendo como objetivo final o sucesso do aluno na produção da redação do ENEM. Dessa maneira, a questão de pesquisa que delineia este trabalho é: “Como se dá a apropriação da forma-sujeito professor de língua materna pelos sujeitos-usuários no *Instagram*?”. Com base nesse questionamento, tenho como objetivo geral desta monografia compreender o funcionamento da apropriação da forma-sujeito professor de português pelos sujeitos-usuários no *Instagram*. A partir disso, delineiam-se os seguintes objetivos específicos: i) identificar a concepção de texto adotada pelos perfis voltados à propagação de modelos prontos de redação do ENEM; ii) analisar os efeitos do

³ Introduzido por Althusser (1978, p. 67 apud Pêcheux, [1975] 2014b, p. 150), é “a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”.

empreendedorismo no apagamento do lugar do professor de português no *Instagram*; iii) entender o funcionamento e os efeitos do espaço virtual nesses processos de apropriação, empreendedorismo e apagamento.

Com isso, o presente trabalho de conclusão de curso inicia uma reflexão sobre as práticas de empreendedorismo e apagamento produzidas pelos sujeitos que buscam transformar a redação do ENEM em um produto a ser adquirido nas mais diversas redes por sujeitos-usuários que almejam a nota mil. Metodologicamente falando, o *corpus* deste trabalho é constituído por capturas de telas de publicações e de perfis que produzem materiais sobre a redação do ENEM, como dicas de gramática, de repertórios socioculturais e modelos coringas de redação. Como critério para a coleta e recorte do *corpus*, por meio da *hashtag* #redacaoenem, busquei dividir minha busca entre as duas seções da *hashtag* dentro da plataforma do *Instagram*, que são: as postagens mais relevantes e as postagens mais recentes, buscando entender também, para fins de análise, o que provoca essa divisão. Para analisar as construções discursivas sobre as questões aqui dispostas, vali-me do referencial teórico da Análise de Discurso Pecheuxiana, que me possibilitou, através de seus dispositivos teóricos de interpretação, pensar a articulação língua-sujeito-ideologia, desconstruindo as evidências de sentido.

Isto posto, sob a luz dos estudos de Althusser (1985), Brasil (2019, 2022), Grigoletto (2005, 2011, 2021), Grigoletto e França (2018), Han (2018), Kramer Wanderley (2020), Lévy (1996), Mariani (2018), Orlandi (2015, 2020), Paveau (2021), Pêcheux (2014a, 2014b), Pêcheux e Fuchs (2014), Schons e Grigoletto (2007) e Zuboff (2018), busco, ao longo de dois capítulos, atingir os objetivos pré-estabelecidos acima. Para tanto, no Capítulo I, o qual intitulei de “Com a força do *Instagram*, a nota mil é possível”, discorro sobre duas questões de grande relevância para este trabalho: i) na seção “O funcionamento dos algoritmos do *Instagram* e seus efeitos nos perfis de redação”, como o próprio título sugere, discuto sobre o funcionamento do algoritmo do *Instagram*, pensando quais os efeitos da IA da *Meta* nos gestos e nas inscrições dos sujeitos-usuários dentro dessa rede social; ii) na seção “A fórmula (nem tão secreta) para nota mil”, reflito sobre algumas noções de texto, sempre buscando responder qual noção de texto é norteadora nos perfis redacionais do *Instagram* que estão em análise. Já, no Capítulo II, intitulado “Ser professor de português em tempos *Instagramáveis*”, discuto a noção de sujeito-usuário, os efeitos das práticas empreendedoras sobre a luz da BNCC e as práticas de apagamento da forma-sujeito professor de português no *Instagram*.

CAPÍTULO I - COM A FORÇA DO *INSTAGRAM*, A NOTA MIL É POSSÍVEL

Conhecido como a principal rede social para compartilhar fotos e vídeos no espaço virtual (Grigoletto, 2011) atualmente, o *Instagram* surgiu em meados de 2010, mas só obteve notoriedade no início de 2012, quando ultrapassou a marca de cem milhões de usuários ativos. Desde esse acontecimento, a rede social criada por Kevin Systrom e Mike Krieger virou sinônimo de força na *internet* devido ao seu poder de engajamento entre sujeitos-usuários e de influência na sociedade. Nesse sentido, possuir milhares de seguidores no *Instagram* demonstra a força do discurso de um sujeito-usuário dentro desse espaço virtual. Logo, tudo aquilo que é (re)produzido por um sujeito-usuário dentro dessa rede social para determinada bolha homofílica⁴ produz uma força que Han (2018, p. 17) explica ser “o poder como meio de comunicação”, isto é, quando há a possibilidade do *não*, ele aumenta a probabilidade do *sim*. É dentro desse espaço de enunciação que entendo que, com a força do *Instagram*, possibilitando a circulação de discursos e sujeitos-usuários que ensinam a produzir um bom texto dentro dos parâmetros do INEP, a promessa da nota mil é possível.

Antes de me aprofundar nessa seara, inicio este capítulo fazendo uma discussão acerca de duas noções muito importantes para AD Pecheuxtiana: a noção de discurso e a noção de sujeito, respectivamente. Acredito que discorrer sobre esses pontos no início deste capítulo, antes de qualquer outra coisa, será mais produtivo para o leitor, pois são noções que serão retomadas diversas vezes no decorrer desta monografia. Ademais, o Capítulo I é composto por dois subtópicos: o primeiro, intitulado “O funcionamento dos algoritmos do *Instagram* e seus efeitos nos perfis de redação”; o segundo, intitulado “A fórmula (nem tão secreta) para nota mil”. No primeiro tópico, debatarei, tal qual o título indica, o funcionamento do algoritmo do *Instagram* e como a IA influencia na experiência do sujeito-usuário dentro dessa rede social. No segundo tópico, discutirei a produção e a propagação de fórmulas (nem tão secretas) para obter uma redação nota mil. Para tanto, proponho uma reflexão sobre noções de texto e reflito sobre qual seria a noção de texto predominante nos perfis analisados.

Após essa breve introdução, inicio agora a discussão sobre as duas noções supracitadas: discurso e sujeito. Inicialmente, na obra intitulada *Análise Automática do Discurso* (Pêcheux, [1969] 2014a), Pêcheux apresenta suas primeiras formulações sobre os conceitos estruturais de sua teoria do discurso, a Análise do Discurso Pecheuxtiana, norteadora deste trabalho de conclusão de curso. Entendendo que todo discurso parte de algum lugar dentro de uma formação social, ele afirma que “[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de*

⁴ Conforme Grigoletto e França (2018, p. 36), entende-se por bolhas homofílicas “a homogeneidade consequente da aproximação de diferentes usuários-sujeitos que se agrupam [...] pelas afinidades que compartilham”. Assim, o objetivo é unir os iguais e afastar-se dos diferentes.

produção dadas” (Pêcheux [1969] 2014a, p. 76). Dessa forma, todo discurso se encontra em uma relação de forças entre os elementos de uma cena discursiva. Não obstante, é preciso também refletir sobre as relações de sentido em que dado discurso é produzido. Assim, um discurso sempre remete a outro, direta ou indiretamente, em uma constante relação de paráfrase e polissemia, tal qual nos ensina Orlandi (2015). Dizendo de outra forma, o processo de construção discursiva não possui um começo preciso, pois

[...] o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as ‘deformações’ que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (Pêcheux, [1969] 2014a, p. 76, grifos do autor).

Com isso em mente, Pêcheux ([1969] 2014a) formula sua primeira noção de discurso partindo da crítica que faz a dois esquemas comunicacionais, quais sejam: i) o esquema reacional, oriundo das teorias psicofisiológicas e psicológicas do comportamento; ii) o esquema informacional, advindo das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação. O primeiro esquema, que, na visão de Pêcheux, parece ser o dominante, assemelha-se muito ao que os Gerativistas defendem ao falar do processo de aquisição de linguagem, isto é, o processo se dá com base na disposição do nosso sistema nervoso como um todo, e não na sua função comunicacional. Dessa maneira, anula-se o lugar do sujeito que produz o discurso e de seu destinatário.

Em contrapartida, o segundo esquema, postulado por Jakobson, insere na prática languageira os sujeitos que produzem o discurso e aqueles a quem ele se dirige, vulgo o referente. Nessa direção, valendo-se dos pressupostos teóricos do segundo esquema, Pêcheux ([1969] 2014a, p. 81, grifos do autor) formula sua primeira noção de discurso, “[...] que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre *A* e *B* as de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos *A* e *B*.”. Esmiuçando, logo em seguida, que “*A* e *B* designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais” (idem) e “*A* e *B* designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (idem).

Antes de discutir sobre o conceito de sujeito para Pêcheux, uma das noções teóricas estruturantes de sua teoria do discurso, é interessante destacar que “o sujeito da AD não é indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico e do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido.” (Grigoletto, 2005, p. 99). Dessa forma, em outra importante obra para Análise do Discurso Pecheuxtiana, a saber *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas* (Pêcheux; Fuchs, [1975] 2014), os autores propõem a noção de esquecimento, que será muito importante para

auxiliar na compreensão da ilusão do sujeito em ser a gênese do sentido.

São dois os tipos de esquecimento: o esquecimento nº 1, da ordem da subjetividade linguística, que, de forma inconsciente, o sujeito acredita ser a fonte do sentido daquilo que fala; e o esquecimento nº 2, do funcionamento dos processos discursivos, que, de forma pré-consciente/consciente, o sujeito retoma o que disse pela *zona do rejeitado*⁵. Assim, é dentro desse jogo de sentidos que essa ilusão atua, resultando nessas diferenciações feitas por Pêcheux. Com base nisso, a Análise do Discurso inicia, então, o trabalho com “[...] essa ilusão do sujeito como origem, através dos processos discursivos, mostrando que nem a linguagem, nem o sentido são transparentes.” (Grigoletto, 2005, p. 100).

Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux ([1975] 2014b, p. 145, grifos do autor) afirma que “[...] sob a *evidência* de que ‘eu sou realmente eu’ [...] há o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio”. Em outras palavras, o preenchimento desse lugar, uma vez vazio, se dá pela forma-sujeito, entendida como “[...] aquilo que constitui seu efeito representado por um sujeito” (ibidem, p. 150). Assim, é por meio da forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma formação discursiva que produz nele o sentimento de identificação e, conseqüentemente, o constitui enquanto sujeito. Sob essa ótica,

Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Este é o princípio básico da noção de sujeito em AD. Assim, o sujeito é, desde sempre, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. [...] O sujeito em AD, não é nem totalmente livre, nem totalmente assujeitado, movendo-se entre o espaço discursivo do um e do outro, entre a incompletude e o desejo de ser completo. A AD reconhece no sujeito um caráter contraditório que, marcado pela incompletude, anseia pela completude, pela vontade de querer ser inteiro (Grigoletto, 2005, p. 102).

Considerando, então, esses pressupostos teóricos da Análise do Discurso Pêcheuxiana, início, agora, nos próximos tópicos deste capítulo uma reflexão sobre o funcionamento dos algoritmos do *Instagram* e seus efeitos nos perfis que buscam ensinar técnicas de escrita de redações nota mil e a noção de texto que são adotadas por esses perfis ao produzir esses conteúdos digitais.

1.1 O FUNCIONAMENTO DOS ALGORITMOS DO *INSTAGRAM* E SEUS EFEITOS NOS PERFIS DE REDAÇÃO

Como dito anteriormente, nos dias atuais, o *Instagram* é a principal rede social para compartilhamento de fotos e vídeos na *internet*. Como todas as plataformas digitais, o

⁵ Entende-se, por *zona do rejeitado*, “tudo o que teria sido possível ao sujeito dizer (mas que não diz)” (Pêcheux; Fuchs, [1975] 2014, p. 175).

Instagram só existe devido ao seu algoritmo, que determina o que pode e não pode ser feito dentro do seu escopo. Dessa forma, os sujeitos responsáveis por sua administração constroem, a partir do algoritmo, o *layout* da rede social, isto é, a estrutura visual que é disposta em nossos aparelhos eletrônicos ao acessar a plataforma. Entretanto, nem só de estruturação vivem os algoritmos. Conforme Paveau (2021, p. 39), “os algoritmos, que muitas vezes parecem ter uma existência própria e capacidades de decisão, são evidentemente criados por humanos, [...] mas os seus efeitos nos conteúdos da internet e, conseqüentemente, nas nossas vidas são importantes.”. Nessa direção, alguns desses efeitos são o rastreamento e a captação de dados de sujeitos-usuários e o controle sobre o que acessamos na rede.

Sob essa ótica, “os algoritmos calculam os rastros das nossas atividades, ordenando e transformando esses rastros em ferramentas de previsão do futuro” (Paveau, 2021, p. 40). Indo além, os algoritmos rastreiam nossos dados para vendê-los a grandes empresas e, assim, controlar os nossos próximos passos. Buscando, então, entender melhor os efeitos que os algoritmos do *Instagram* exercem nos perfis de redação, apresento, neste tópico, uma discussão teórica que entrelaça algumas questões teóricas advindas de estudos da Análise do Discurso Pecheuxiana sobre elementos que constituem o espaço virtual e alguns estudos de outras áreas das Ciências Humanas.

Iniciando essa discussão, partirei do entendimento de Grigoletto (2011, p. 47) sobre o espaço virtual, “[...] lugar onde se constituem múltiplas materialidades, em que o empírico e o discursivo se entrelaçam”, local em que o *Instagram* está inserido. Para entender melhor essa definição, volto às considerações de Lévy (1996) sobre a virtualização, em seu livro *O que é o virtual?*, no qual ele opõe o virtual ao atual. No texto, o autor aponta que existe um senso comum de que o virtual é sinônimo de irreal, sem materialidade. Assim, o virtual seria da ordem da ilusão. Entretanto, “o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (Lévy, 1996, p. 15). Apoiando-se em Gilles Deleuze, Lévy (1996) nos apresenta a distinção do autor entre o *possível*, aquilo que já está constituído, mas inutilizado, e o *virtual*, assemelhando o possível ao real. Nesse entendimento, Lévy (1996) pontua que a diferença entre o possível e o real é da ordem lógica, ao passo que o virtual não se contrapõe ao real, mas sim ao atual. Dessa forma,

contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (Lévy, 1996, p. 16).

O resultado disso, então, é que o virtual não é algo imóvel; muito pelo contrário, a resolução dos seus problemas se dá através da atualização, logo, “[...] por ser a *atualização a*

solução de um problema, sempre presente no virtual, o atual opõe-se ao virtual respondendo-lhe como uma *criação, invenção*.” (Grigoletto, 2011, p. 49, grifos da autora). Mais a frente, Lévy (1996, p. 16) vai discutir sobre a virtualização como uma dinâmica, a qual ele define como “movimento inverso da atualização”. Assim, “a virtualização não é uma desrealização, mas uma *mutação de identidade*, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado [...]” (idem, grifo nosso). Dessa maneira, temos a transição do atual ao virtual. Nesse meio, temos a emersão de novos complexos, causando uma desterritorialização, que é significativa ao virtual, das informações e afins, fazendo com que “[...] a atualização vá de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema.” (idem).

Sob a luz das considerações de Lévy (1996), Grigoletto (2011) postula que não enxerga o virtual desvinculado do espaço empírico e do espaço discursivo, pois, devido ao surgimento da *internet*, o virtual “emerge no seio de uma determinada formação social, historicamente situada, produzindo efeitos imediatos não só nas práticas discursivas, mas também nas práticas sociais” (Grigoletto, 2011, p. 51), estando localizado entre o empírico e o discursivo, já que possui características de ambos. Entretanto, o virtual também é dotado de suas próprias individualidades, além de ser afetado pelo discursivo, que é afetado pelo empírico. Logo, neste espectro, pode-se dizer que “o virtual configura-se como um espaço onde se materializam diferentes discursividades” (Grigoletto, 2011, p. 51). Sendo assim, compreendendo que o espaço virtual se inscreve em um espaço simbólico, repleto de contradições, silenciamentos e diversas vozes que “se (con)fundem numa trama de sentidos”, Grigoletto (2011, p. 53), afirma:

Se a internet pode ser tomada como um espaço de emersão de acontecimentos discursivos, como afirmou Gallo (2009), se ela tem provocado mudanças nas estruturas sociais – sentido esse que parece já ter se sedimentado na sociedade – o espaço virtual tem provocado efeitos não só nas práticas sociais presentes no espaço empírico, mas também nas práticas discursivas que constituem o espaço discursivo, não podendo, portanto, ser tomado como simples sinônimo do espaço discursivo. Ele se caracteriza pelo entrelaçamento das práticas sociais e discursivas, inscrevendo-se no entremeio do espaço empírico e discursivo, formando uma teia discursiva não-linear [...].

Dessa forma, os efeitos produzidos pelo espaço virtual nas práticas sociais e discursivas refletem-se nas tomadas de posição dos sujeitos-usuários⁶, pois resultam de um retorno do “Sujeito” no sujeito,

de modo que a não coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo que ele “toma consciência” e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela

⁶ Essa noção será mais bem explicada no Capítulo II desta monografia. Por enquanto, diremos que sujeito-usuário é uma categoria intermediária entre o sujeito do discurso e o sujeito empírico. Assim, por ser uma categoria a ser preenchida em cada rede social, o sujeito-usuário é aquele sujeito “[...] projetado pela programação da máquina” (Costa-Carneiro, 2023, p. 110).

qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito”. O “desdobramento” do sujeito é uma reduplicação da identificação, precisamente na medida em que ela designa o engodo dessa impossível construção da exterioridade no próprio interior do sujeito (Pêcheux, [1975] 2014b, p. 160, grifo nosso).

Assim, a tentativa de o sujeito dividir-se em si, visto que ele não pode se dissociar daquilo que o traz à realidade e associar-se àquilo que o agrada, caracteriza o engodo. É esse que despista as determinações e contradições sofridas pelo sujeito, reduplicando sentidos dominantes. Para além do engodo ideológico, o engodo tecnológico se dá, então, pelo controle produzido pelas redes no sujeito-usuário em prol da coleta de dados pessoais. Isso é o que Zuboff (2018) chama de *capitalismo da vigilância*, cuja base é o acúmulo de informações, visando à rápida circulação de informações, pois, conforme Han (2018, p. 104, grifos do autor):

Uma defesa imunológica intensa sufoca a comunicação. Quanto menor a barreira imunológica, mais rápida se torna a circulação de informação. Uma barreira imunológica elevada torna a troca de informações mais lenta. Não a defesa imunológica, mas sim o *curtir* promove a comunicação. A rápida circulação de informações acelera também a circulação de capital.

Em seu livro, *No enxame*, Han (2018, p. 26) explica que “a nova massa é o enxame digital”, que se diferencia da constituição já conhecida das massas, pois nele não há almas ou espíritos, cujo resultado é o efeito de união. Indo na contramão desse ideal, a constituição do enxame digital se dá por indivíduos singulares. Esses indivíduos, no entendimento do filósofo, terminam se fundindo em uma nova unidade, mas não há um perfil próprio - são um aglomerado de seres que não formam uma massa, pois “uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós. [...] O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente.” (Han, 2018, p. 27, grifos do autor). Com base nisso, o autor define o enxame digital como um barulho.

Para Han (2018, p. 30, grifos do autor), os indivíduos digitais destacam-se pela volatilidade, transparecendo um ser descompromissado. Esse seria o ponto crucial de diferenciação entre o enxame digital e a massa tradicional, pois essa “[...] não é volátil, mas sim dotada de vontade e não constitui um *paradigma efêmero*, mas sim *formações firmes*. Com uma alma unida por uma ideologia, *ela marcha em uma direção*.”. Devido a essa firmeza, a massa tradicional é capaz de formar um Nós, consequentemente, decidida, ela tem força para enfrentar relações de poder presentes na sociedade contemporânea, e isso é ausente nos enxames digitais. O enxame digital, por ser constituído de indivíduos digitais individualizados, são efêmeros, logo, não tem essa força, pois dissolvem-se na mesma proporção que se formam. Dessa forma,

os indivíduos digitais, tal qual postula Han (2018, p. 29, grifos do autor), “[...] são, antes de tudo, *Hikikomori*⁷, isolados para si, singularizados, que apenas se sentam diante da tela.”

Sendo assim, um dos grandes objetivos desses indivíduos digitais é acumular seguidores, curtidas, comentários, compartilhamentos, (re)postagens, interlocuções (Grigoletto, 2011), *hashtags*, números, fazendo com que o sujeito-usuário se prenda tanto a isso que sua mente entra em colapso, pois o seu universo, agora, gira nesse redor. Sob essa ótica, “o pensamento dá lugar ao cálculo, o *nós* dá lugar a um *eu individual*” (Grigoletto, 2021, p. 196, grifos da autora). Então, o sujeito-usuário inicia uma busca incansável por esses números visando ao lucro, e o que uma hora era apenas um detalhe torna-se o foco principal, tendo em vista que “o caçador de informação é impaciente e sem timidez. Ele espreeita, em vez de ‘esperar’. Ele agarra, em vez de deixar as coisas amadurecerem. O importante é, com cada clique, conquistar uma presa.” (Han, 2018, p. 78).

Dentro desse acúmulo de informações visando ao lucro no espaço virtual (Grigoletto, 2011) e frente ao *barulho* característico do enxame digital (Han, 2018), estão as *tags*, “termos comumente usados para identificar o tema do conteúdo a ser compartilhado no espaço das mídias digitais, ou seja, são palavras associadas a uma informação e disseminadas pelos usuários da grande rede.” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 236). Para que uma *tag* se transforme em uma *hashtag*, faz-se necessário o símbolo do conhecido “jogo da velha”, formalmente conhecido como cerquilha. Paveau (2021, p. 223) define as *hashtags* como “uma forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo a afiliação difusa (ambiente *affiliation*) dos usuários, a tecnoconversacionalidade e a investigabilidade (*searchability*) do discurso.”. Dito de outra forma, a *hashtag* é um mecanismo técnico que nos permite criar um canal de comunicação entre sujeitos-usuários na grande rede e um mecanismo linguístico-discursivo que, junto a outras materialidades verbais e não-verbais, produzem diferentes sentidos.

Com isso, ao fazer o uso de uma *hashtag*, o sujeito-usuário se submete a uma cadeia linguística que representa a inscrição dos sujeitos no espaço virtual, como uma forma de juntar todos os discursos sobre aquele tema em destaque. Pelo viés técnico, pode-se dizer que o objetivo das *hashtags* é, de fato, reunir discursos sobre um tema em comum que estão soltos, até mesmo perdidos pela rede digital. Por meio desse mecanismo, “ao se inscrever nessa mídia social e tomar uma posição, por meio da publicação das *hashtags*, o sujeito-usuário o faz a partir de uma possível identificação com determinada formação discursiva para ser sujeito daquilo que diz” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 245).

É, então, pelo funcionamento dos algoritmos das redes sociais que os sujeitos-usuários

⁷ *Hikikomori* é um termo japonês usado para se referir a jovens que se isolam completamente da sociedade.

podem compartilhar seus discursos e, por intermédio das *hashtags*, encontrar semelhantes que se identificam (Pêcheux, [1975] 2014b) com a mesma formação discursiva em que estão inseridos. Paveau (2021, p. 39) define o algoritmo como:

Sequências de instruções que permitem a solução de problemas [...] eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas.

Com os avanços tecnológicos, especialmente da Inteligência Artificial (IA), os algoritmos passaram a incorporar cada vez mais nossas vidas, produzindo efeitos ora positivos ora negativos. Todos os gestos que fazemos nas redes deixam rastros, que são transformados pela IA em mecanismos de previsão do futuro. Assim, através disso, os algoritmos das redes conseguem prever e influenciar nossas preferências, com intuito de tornar, supostamente, nossa experiência virtual mais agradável e duradoura, para que possamos produzir mais rastros e, como consequência, gerar informações que podem ser vendidas para grandes empresas especializadas na manipulação de dados digitais.

Partindo do pressuposto de que nesta monografia estou trabalhando com o *Instagram*, e neste tópico debruço-me sobre o funcionamento de seu algoritmo, é importante trazer para discussão um acontecimento que possibilitou uma maior transparência sobre como nossos dados são processados por essa rede social. As intituladas *Lei dos Mercados Digitais* e *Lei dos Serviços Digitais*, que entrarão em vigor no ano de 2024 nos países constituintes da União Europeia, demandam que plataformas digitais atuantes nesses países sigam determinadas regras⁸.

O principal objetivo da *Lei dos Mercados Digitais* é garantir que todas as empresas digitais, seja qual for seu tamanho, tenham condições igualitárias nas suas atuações, visando impedir a criação e manutenção de grandes monopólios, para, assim, evitar que empresas e consumidores fiquem expostos a condições injustas, incentivando a competitividade e inovação. Quanto à *Lei dos Serviços Digitais*, o foco é criar um ambiente digital mais seguro para todos os sujeitos-usuários, protegendo, principalmente, seus dados e controlando os conteúdos que são exibidos na *internet*.

Nessa conjuntura, a *Meta*, empresa responsável pelo *Facebook* e *Instagram*, visando adequar-se às novas legislações europeias, lançou, antecipadamente, vinte e dois *cards* que esclarecem como suas redes sociais processam os dados dos usuários através dos algoritmos no final de junho de 2023⁹. Conforme a empresa, as informações apresentadas para os

⁸ Maiores informações podem ser encontradas no site da Comissão Europeia: <https://digital-strategy.ec.europa.eu/pt/policies/digital-services-act-package> (acesso em: 31/07/2023).

⁹ O artigo na íntegra, disponível inicialmente em inglês, encontra-se em: 24

sujeito-usuários não só do *Facebook*, mas também do *Instagram*, dá-se através da leitura da IA e dos algoritmos sobre nossas ações e preferências, cuja principal característica é a efemeridade. Além disso, outro fator importante para leitura dos algoritmos dessas duas plataformas é a relação do sujeito-usuário com seus amigos/seguidores¹⁰. Dessa forma, a IA, por intermédio do seu gesto de leitura, prioriza o círculo virtual e os rastros do sujeito-usuário para dispor e organizar tudo aquilo que é mostrado dentro da rede social, como postagens e propagandas, através de um *ranking*.

No *Instagram*, a composição do *ranking* leva em consideração mais um fator: os *stories*, ferramenta de publicação com duração de vinte e quatro horas. Assim, a IA da *Meta* faz uma leitura das interlocuções do sujeito-usuário com os *stories*, como curtidas, comentários e visualizações, para medir qual seria a probabilidade deste conhecer o autor dessas publicações pessoalmente. Como consequência desse gesto de leitura, o algoritmo do *Instagram* dispõe as publicações desse autor com maior frequência e prioridade para o sujeito-usuário. Dessa forma, sob o lema de “construir tecnologias que ajudam pessoas a se conectar, encontrar comunidades e aumentar negócios”¹¹, a *Meta* utiliza o que Paveau (2021) chama de *machine learning*, isto é, o algoritmo aprende a ler os rastros produzidos na *web* através da comparação entre perfis de sujeitos-usuários que executaram gestos semelhantes na rede social, para construir uma suposta *interface* personalizada para cada sujeito-usuário do *Facebook* ou do *Instagram*.

Todavia, o que se vê, na verdade, é mais um exemplo de ilusão vendida na rede, pois, não há personalização; há um emparelhamento de dados que produz um efeito de personalização para grupos de sujeitos-usuários de rastros semelhantes. Isso se dá, pois, devido ao grande número de sujeitos-usuários, seria quase impossível, até mesmo para a IA, criar uma experiência personalizada para cada um de seus usuários, já que isso demandaria muito mais capital de investimento. Assim, em busca do lucro, a *Meta* vende para o seu público a ideia de um produto personalizado quando, na prática, o que há são identificações de padrões (de consumo, de interesses, de gostos etc).

A partir desse entendimento geral do funcionamento da IA e dos algoritmos da *Meta*, debruçarei-me agora sobre o funcionamento específico destes nas funcionalidades do *Instagram*. Para construir minhas análises aqui, observarei o que é explicitado nos oito *cards* divulgados pela *Meta* especificamente sobre o *Instagram*, detendo maior atenção sobre aqueles que versam acerca do *feed* de notícias, dos *stories*, do *explorar* e do *pesquisar*, e como isso influencia no funcionamento dos perfis de redação nessa rede social.

<https://ai.meta.com/blog/how-ai-powers-experiences-facebook-instagram-system-cards/> (acesso em: 31/07/2023).

¹⁰ O uso dessa alternância se dá, pois, o *Facebook* chama de *amigos* todos aqueles sujeitos-usuários com quem produzimos interlocução, enquanto o *Instagram* chama isso de *seguidores*.

¹¹ Tradução livre feita por mim do texto original em inglês “*Meta builds technologies that help people connect, find communities and grow businesses*”, disponível em: <https://about.meta.com/> (acesso em: 31/07/2023).

Figura 01 - Página inicial do *Instagram*



Fonte: *Instagram*/Divulgação.

Como podemos observar na Figura 01, para construir o *feed* de notícias e os *stories*, através da leitura feita pelos algoritmos, a IA coloca em ordem as publicações de maior relevância para o sujeito-usuário. Com isso, a página inicial do *Instagram* (composta pelo *feed* de notícias e pelos *stories*) é constituída por várias materialidades *prêt-à-porter*¹² (Mariani, 2018), oriundas dos perfis em que o sujeito-usuário produziu um gesto de interlocução recentemente, como seguir ou curtir. Contudo, esse movimento assemelha-se ao que Paveau (2021) explica sobre a predição dos rastros digitais. Por intermédio desse discurso de recomendação de conteúdo e personalização da experiência para cada sujeito-usuário são produzidos, na verdade, discursos que não são elaborados por nós, mas sim pelos algoritmos, pois “os algoritmos falam no lugar dos internautas a partir de um conjunto de cálculos que se assemelha muito a um determinismo, e que torna, do ponto de vista do locutor, seu discurso imprevisível” (Paveau, 2021, p. 43).

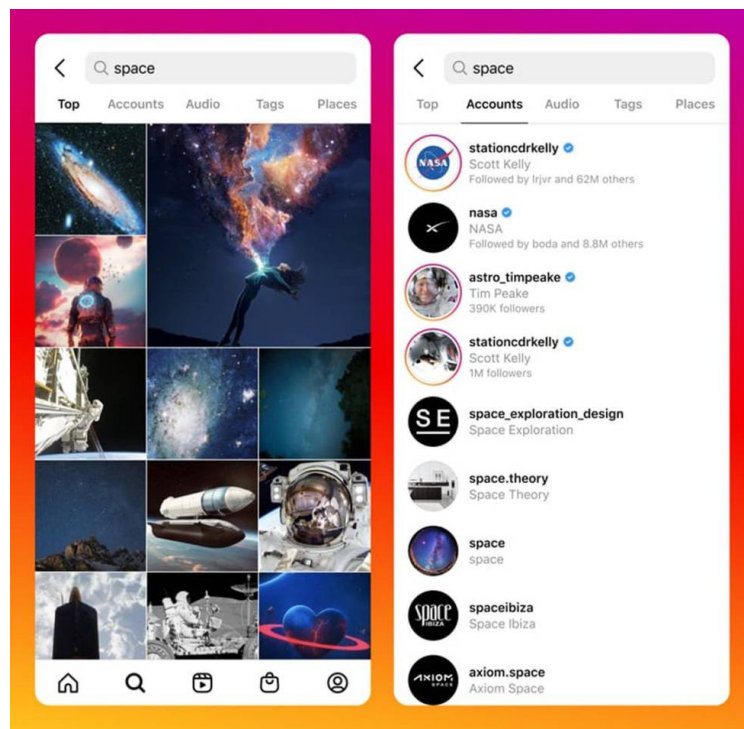
Nesse sentido, a *Meta* vende a ideia de que o sujeito-usuário tem total liberdade para personalizar sua experiência, produzindo o efeito de ilusão do sujeito, tal qual Pêcheux ([1975] 2014b) postula. Dessa forma, mesmo com a tentativa – forçada – de se mostrar mais *transparente* ao seu público, a *Meta* e o *Instagram* continuam (re)produzindo uma falácia, pois,

¹² Observando as materialidades discursivas que circulam no espaço virtual, a autora entende materialidades como vídeos, imagens e textos em geral como materialidades *prêt-à-porter*, pois já estão prontas para serem consumidas pelos sujeitos-usuários, seja por curtidas seja por compartilhamento.

por mais que existam instruções de como personalizar *o que pode e deve ser visto* pelo sujeito-usuário dentro do aplicativo da sua rede social nos *cards* divulgados, o que se vê, na prática, é o contrário. O que acontece, afinal, é que os algoritmos do *Instagram* registram nossos rastros para produzir gestos de leituras que nos induzem a acreditar que aquilo que é disposto na tela do *smartphone*, *tablet* ou computador é fruto das nossas vontades enquanto sujeito-usuário. Assim, nossas preferências na rede social, na verdade, não são inteiramente nossas, mas sim parte do funcionamento da vontade da Inteligência Artificial para nós.

Observando a Figura 02, podemos perceber o funcionamento de outras duas seções do *Instagram*: o *explorar* e o *pesquisar*, dois mecanismos fundamentais para que os algoritmos dessa plataforma digital consigam armazenar os rastros que os sujeitos-usuários deixam por trás de curtidas, comentários e compartilhamentos. O *explorar* foi pensado, conforme a *Meta*, para expor conteúdos, como fotos e *reels*, de perfis que você não segue (ainda). Eles são dispostos com base na leitura que o algoritmo faz de você e com base nos seus rastros na rede. Assim, não é difícil encontrar no *explorar* algo que você acabou de pesquisar no *Google*, pois, mesmo com o aplicativo fechado ou trabalhando em segundo plano, você está tendo seus dados compartilhados e seus rastros registrados pelos algoritmos não só do *Instagram*, mas também de outros aplicativos presentes em seu *smartphone*. Quanto ao *explorar*, é interessante frisar que a ordem de postagens que aparece para cada sujeito-usuário segue basicamente o mesmo princípio do que é aplicado pela IA à organização do *feed* e dos *stories*: através da leitura feita pelo algoritmo e das previsões com base nisso, serão dispostas postagens que vão do mais ao menos interessante para o dono do perfil, que, devido à efemeridade do espaço virtual, pode mudar a todo segundo.

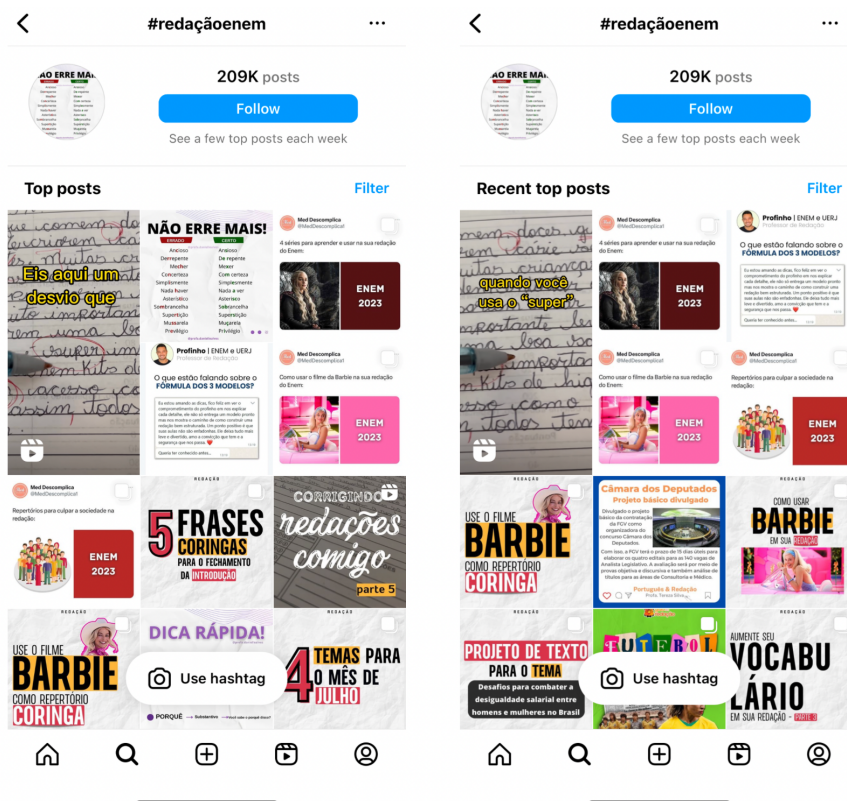
Figura 02 - O *explorar* e o *pesquisar* do *Instagram*



Fonte: *Instagram/Divulgação.*

O *pesquisar* do *Instagram* aparece mais como uma ferramenta complementar do *explorar*, isto é, aquilo que o algoritmo não conseguiu ler ou prever, pode ser encontrado através de alguns *cliques*, como se vê na Figura 02. Nela, podemos observar uma pesquisa sobre *space* (*espaço*, em tradução livre), e instantaneamente o algoritmo apresenta diversas imagens relacionadas ao assunto, que são elencadas, minuciosamente, de forma a provocar identificação (Pêcheux, [1975] 2014b) do sujeito-usuário com essas materialidades, tendo em vista sempre que a IA do *Instagram* tem como foco principal servir um conteúdo personalizado para cada um com base nas leituras que os algoritmos fazem do sujeito-usuário. Para além de imagens e vídeos, há, na ferramenta *pesquisar*, a possibilidade de encontrar perfis, áudios, *tags*, locais e afins relacionados ao assunto pesquisado, com intuito de, mais uma vez, estreitar os laços da plataforma com o sujeito-usuário. Assim, a *Meta* enuncia para o seu sujeito-usuário que tudo é coordenado milimetricamente para satisfazê-lo, trazendo comodidade e deixando claro para ele que não se faz necessário deixar o *Instagram* para encontrar o que lhe traz satisfação, pois tudo está ali, a um *clique* de distância.

Figura 03 - A hashtag #redacaoenem no *Instagram*



Fonte: Montagem realizada pelo autor com base nos resultados da pesquisa feita no *Instagram*.¹³

Deixando um pouco de lado os exemplos genéricos que facilitam a compreensão do funcionamento dos algoritmos do *Instagram*, como observou-se previamente, a Figura 03, através do uso da *hashtag* #redacaoenem, permite-nos observar a prática da IA e como os algoritmos do *Instagram* buscam satisfazer o sujeito-usuário a todo momento. Na Figura 03, nota-se que, até o dia em que o registro de tela foi realizado, essa *hashtag* possuía mais de duzentas mil publicações que se utilizam dela para inserir-se em um encadeamento discursivo de princípio comum, isto é, o discurso sobre a redação do ENEM.

No topo da Figura 03, pode-se observar que existe, logo abaixo do quantitativo de postagens da *hashtag*, a opção de *seguir*, equiparando o funcionamento da *hashtag* ao de um perfil na rede social. Dessa forma, o sujeito-usuário que busca informar-se e atualizar-se acerca do discurso sobre a redação do ENEM pode acessar esse conteúdo de forma mais rápida e fácil, personalizando sua experiência dentro dos algoritmos da rede social da *Meta*. Além disso, a ideia de poder acessar facilmente os *posts* que obtiveram maior engajamento durante a semana nos leva à divisão que é feita pelo próprio algoritmo do *Instagram* entre *top posts* e *recent top*

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/reda%C3%A7%C3%A3oenem/> | Acesso em: 26/07/2023

*posts*¹⁴. Não é claro para o sujeito-usuário como ocorre essa divisão, por mais que agora tenhamos acesso aos *cards* da *Meta*, pois, em nenhum momento, isso é explicado.

Dessa forma, entendendo que o *Instagram* possibilita o impulsionamento de publicações através da contratação de planos de divulgação oferecidos pela própria rede social da *Meta*, lanço mão da hipótese de que essa divisão é feita com base no capital investido por sujeitos-usuários que almejam maiores alcances dentro do espaço virtual (Grigoletto, 2011) do *Instagram*. Nessa direção, ao olhar para Figura 03, vê-se que algumas postagens se repetem dentro das diferentes seções, como é o caso do incentivo ao uso do filme *Barbie*, lançado recentemente, na redação, endossando a hipótese levantada. Assim, ao pagar pelo impulsionamento, os perfis redacionais conseguem se colocar em ambas seções, garantindo maior alcance e influência, enunciando para o sujeito-usuário que busca esse tipo de conteúdo que o conteúdo produzido – e divulgado – é dotado de credibilidade, já que se encontra nos *top posts* e *recent top posts* da *hashtag* #redacaoenem.

É, inclusive, por intermédio das postagens em posição de destaque nessa *hashtag* que me dedico, nas próximas páginas desta monografia, a analisar quatro perfis redacionais que publicam conteúdos e valem-se da *hashtag* #redacaoenem para veiculá-los. São eles: @dudaandrade.v, @dewda.studies, @interagirestudos e @med_descomplica. Até chegar neles, minha busca dentro da *hashtag* se deu em duas etapas: i) priorizei observar publicações que veiculassem dicas de textos, como construções prontas a serem memorizadas e modelos prontos de redação, dicas gramaticais, em especial postagens que salientem “use x ao invés de y para chamar a atenção do corretor”, e dicas de repertório sociocultural; ii) após essa primeira fase, passei a observar e seguir os perfis que faziam essas publicações, debruçando-me sobre a forma que o sujeito-usuário se identificava, seja como professor seja como estudante, a quantidade de seguidores dos perfis, a frequência em que as postagens eram feitas e se havia a venda de algum produto, como manuais ou cursos de redação, com objetivo de entender como ocorrem as práticas de empreendedorismo dentro dessa rede social.

1.2 A FÓRMULA (NEM TÃO SECRETA) PARA NOTA MIL

Antes de mergulhar na discussão sobre a concepção de texto adotada pelos perfis do *Instagram* que se voltam à propagação de modelos prontos de redação do ENEM, julgo necessário fazer algumas considerações sobre a noção de texto que será norteadora para minhas análises. No meu entendimento, falar sobre texto não é uma tarefa fácil, uma vez que falar em

¹⁴ Em tradução livre, respectivamente, refiro-me, aqui, às postagens com maior engajamento e às postagens recentes com maior engajamento.

texto sempre será complicado porque é uma noção naturalizada e internalizada em todos nós; é da ordem do senso comum, do pré-construído. Durante nossa jornada escolar, da fase infantil até a adolescência, somos ensinados que texto tem por principal característica ser verbal, muitas vezes até esquecendo que existem texto não-verbais, e que eles podem ter mais força do que um texto verbal – já dizia o dito popular que uma imagem vale mais do que mil palavras. Existe um pré-construído de que, para além da verbalização, o texto deve ter um início, meio e fim, ser muito bem escrito – isto é, enquadrado na norma culta –, claro e coeso; caso contrário, não é texto, mas sim um aglomerado de palavras e frases sem sentido. Em nosso senso comum, todos nós sabemos o que é texto, mas temos dificuldade de explicá-lo.

Minha ideia, aqui, então, não é esclarecer o que é texto para cada uma das grandes áreas da linguística, até porque, a depender da corrente teórica, o texto e suas propriedades são entendidos de maneiras diferentes, o que me distanciaria do meu objetivo primordial para esta seção. O que pretendo fazer aqui é um apanhado teórico dos principais pontos de encontro e desencontro da Linguística Textual, Teoria da Enunciação, Semiótica e Análise do Discurso, sob a luz de Indursky (2006), para indicar ao leitor minha identificação, e consequente filiação, com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso sobre essa noção. Dessa forma, acredito que conseguirei construir análises mais produtivas sobre as materialidades que apresentarei ao longo dessa seção, cujo título “A fórmula (nem tão secreta) para nota mil” não é por acaso.

Indursky (2006) traça um percurso teórico interessante e esclarecedor sobre o que cada uma dessas áreas da Linguística que foram citadas no parágrafo anterior entendem sobre a noção de texto. Ao longo do seu trabalho, a autora nos mostra pontos essenciais para entender, por exemplo, que o texto muda a depender do escopo teórico e que, se a noção de texto não é comum para todas elas, o trabalho com ele tampouco é o mesmo. No quadro-resumo apresentado ao final do seu artigo, a autora faz um apanhado dos principais pontos a reter sobre a discussão traçada, o qual reproduzo na íntegra aqui.

Quadro 01: Noções de Texto

Linguística Textual	Teoria da Enunciação	Semiótica	Análise do Discurso
Unidade formal: início, meio e fim	Texto equivalente ao enunciado	Objeto semiótico linguístico e não-linguístico	- Unidade significativa - <i>Efeito-texto</i>: objeto dotado de completude: começo, meio e fim - <i>Texto</i>: objeto não-acabado, aberto à exterioridade - Relações com a intertextualidade e a interdiscursividade

			- Objeto heterogêneo
Coesão/Coerência	Coesão e Consistência	Textualização: junção do plano do conteúdo com o plano da expressão	- Textualização: tessitura dos recortes e das cadeias discursivas, efeito de textualidade, efeito de homogeneidade
-	-	-	Trabalho dos sentidos no texto
Internas	Internas e contextuais	Internas	- Textuais - Contextuais - Intertextuais - Interdiscursivas
Linguístico (Co-texto)	Situacional (aqui, agora)	Linguístico	Sócio-histórico
-	Locutor//Interlocutor	Sujeito do discurso: representação da instância do sujeito do discurso: actan es	- Posição-sujeito inscrita em uma FD (sujeito atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia) - Funções enunciativas do sujeito: função-autor, efeito-autor, autoria
Sentido dado pelo texto	Sentido construído pelos interlocutores	Construção do Percorso gerativo do sentido	Sentido intervalar: efeito de sentido entre o sujeito-autor e o sujeito-leitor mediado pelo texto
Texto/discurso: equivalentes	Texto/enunciado/discurso: equivalentes	- Texto/Discurso: equivalentes; - Texto: Representação semântica do discurso - Uma unidade que deve ser manifestada por alguma semiótica	Texto: a materialidade do discurso

Fonte: Indursky (2006, p. 75)

Como se vê, não há um acordo comum sobre o que é texto para cada uma dessas correntes teóricas, por isso destaco aqui alguns pontos. Indursky (2006) nos mostra que a Linguística Textual entende o texto como um objeto cujo começo, meio e fim são bem definidos, enquanto a Teoria da Enunciação vê o texto equivalentemente ao enunciado. A Semiótica difere ainda mais dessas duas correntes por estar preocupada em compreender o funcionamento textual da significação, logo, é preciso observar o texto internamente, desconsiderando sua relação com o mundo. Em contrapartida, a AD coloca dois pontos em jogo: i) o *efeito-texto*, cuja completude textual caracteriza-se pelo texto ser um objeto dotado de começo, meio e fim; enquanto ii) o *texto* é um objeto inacabado que está sempre aberto à exterioridade. Dessa forma, o texto tem por característica primordial ser heterogêneo.

Além disso, diferente das outras correntes teóricas, a AD se preocupa em trabalhar com os sentidos (dis)postos no texto. Assim, leva-se em consideração as condições de produção. Ao passo que a Linguística Textual debruça-se sobre os sentidos dados pelo texto; a Teoria da Enunciação estuda os sentidos construídos pelos interlocutores no texto; e a Semiótica foca na construção do percurso gerativo do sentido; a AD considera, conforme a autora, os efeitos de sentido entre os sujeitos-autores e os sujeitos-leitores que são mediados pelo texto. Não obstante, a AD entende o texto como a forma de materialização do discurso, enquanto as outras correntes teóricas não veem diferença entre texto/discurso/enunciado, pois eles são equivalentes.

Isto posto, conforme pontua Indursky (2006), a discussão sobre texto em AD é algo que está na origem da teoria, emergindo de forma inaugural no espaço da linguística distribucional, conforme pontua Harris, em sua obra *Análise do Discurso*. Dessa forma, surgem duas frentes: i) a linguística deve trabalhar para além dos limites da frase, utilizando, para este fim, a metodologia distribucional já utilizada para descrever frases; ii) esses estudos devem ser feitos tendo em consideração as relações entre língua e cultura. Na primeira, a noção de texto não se distancia muito do que os praticantes da gramática transfrástica faziam, pois, “[...] o que de fato distingue os linguistas textuais da proposta de Harris é a abordagem que, para ele, é de natureza distribucional.” (Indursky, 2006, p. 67).

Na segunda frente, percebe-se uma mudança nas divergências entre a linguística transfrástica e a abordagem distribucional do texto. Nesse sentido, conforme pontua Indursky (idem), “Harris não separa o texto de seu contexto, ao vincular a língua à cultura”. Sob essa ótica, vê-se que Harris traz para reflexão sobre o texto uma noção mais heterogênea de língua, entendendo que língua vai além de palavras e frases soltas. Logo, a língua é um discurso contínuo. Deve-se evidenciar um contexto sócio-cultural e o locutor para trabalhar com um objeto que rompe com os limites da frase.

Com isso, essa discussão afasta-se da Linguística Textual em três pontos: “a língua não está enclausurada no interior do sistema; a língua precisa relacionar-se com o contexto cultural e o faz pelo viés do locutor que produz a sequência de frases.” (Indursky, 2006, p. 67-68). Harris, então, entende o texto como uma subcategoria com características que aparecerão na teoria do discurso que surge em 1969 com Pêcheux. Traçando o mesmo caminho que Harris em *Análise do Discurso*, Pêcheux ([1969] 2014a) vincula a reflexão de discurso à língua e ao contexto sócio-cultural. Assim, o texto é pensado como uma unidade de análise que é afetada pelas condições de sua produção.

Para além disso, Orlandi (2020, p. 53) afirma que “[...] o texto é uma ‘peça’ de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa”. Sendo assim, não é possível dizer que as palavras significam sozinhas, por si próprias, tendo em vista que isso se dá apenas

por intermédio do texto, pois “quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa” (Orlandi, 2020, p. 53). Pensar no texto sem levar em consideração as condições de produção é um movimento a não ser seguido, pois são elas que modificam o texto em discurso ao ultrapassar as barreiras dos limites internos dele. Para Análise do Discurso, “mobilizar a exterioridade consiste também em ultrapassar os limites do texto e convocar o contexto” (Indursky, 2006, p. 69), porém esse contexto não é o situacional, mas sim o sócio-histórico, colocando em jogo os interlocutores, que são sujeitos interpelados pela ideologia, e refletindo sobre sua sempre-existência.

Como consequência de considerar os sujeitos historicamente determinados, “as condições de produção de um texto relacionam este texto a sujeitos históricos, que se identificam com uma formação discursiva, e estão inscritos em lugares sociais, construídos ideologicamente” (Indursky, 2006, p. 69). Para fazer esse movimento, precisamos nos lembrar que o sujeito referido em AD é um sujeito afetado pelo inconsciente e pela ideologia, e isso age sobre tudo aquilo que ele produz. Assim, ele tem a ilusão de ter controle de si, mas, para produzir um texto, faz-se necessário o interdiscurso. Sob essa ótica, é assim que se deve entender a exterioridade e as condições de produção. Portanto, podemos pensar o texto como:

um *espaço discursivo*, não fechado em si mesmo, pois ele estabelece relações não só com o *contexto*, mas também com *outros textos* e com *outros discursos*, o que nos permite afirmar que o fechamento de um texto, considerado nessa perspectiva teórica, *é a um só tempo simbólico e indispensável* (Indursky, 2006, p. 69, grifos da autora).

Pensar nessa exterioridade e nas condições de produção de um texto produz a necessidade de pensar, também, o lugar do sujeito-leitor nesse espaço. Esse espaço deve ser constituído sobre a premissa da incompletude, isto é, nem o texto nem o sujeito-leitor são objetos com sentido fechado, sem possibilidade de intervenções ou mudanças. Muito pelo contrário “o sentido do texto só se constrói na relação entre sujeito-autor e sujeito-leitor, a partir da materialidade linguística na qual estão presentes as marcas, os pontos de deriva que remetem a diferentes possibilidades de leitura, mas não a qualquer uma” (Schons; Grigoletto, 2007, p. 216). Dessa forma, cada leitura constitui uma nova relação texto-leitor, tendo em vista que novas filiações e inscrições históricas são colocadas em jogo nesse espaço, produzindo novos modos de identificação. Em suma, a cada leitura, constituem-se novos sentidos para um texto. Destarte,

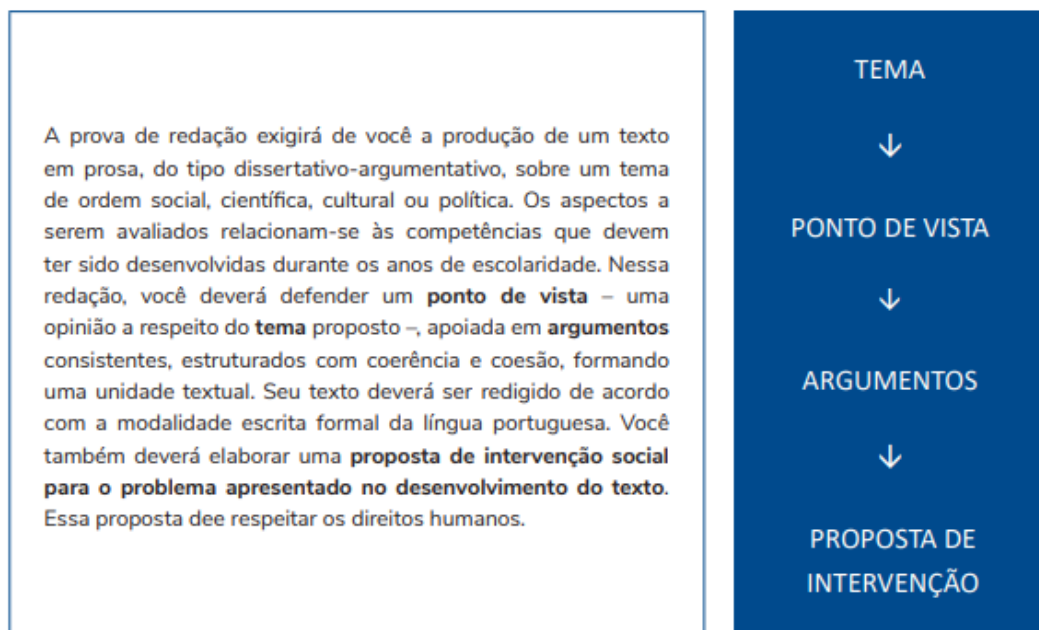
na perspectiva do discurso, segundo Orlandi, o texto não é uma unidade fechada, pois tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que se chama na teoria do

discurso sua “exterioridade constitutiva” (o interdiscurso, a memória do dizer). Nesse sentido, podemos afirmar que, ao analisar, ao trabalhar com o texto, não se está apenas analisando o texto em si, mas o(s) discurso(s) nele atravessados. Por isso, o texto é constitutivamente heterogêneo e o seu sentido não é dado *a priori*, nem é transparente. (Schons; Grigoletto, 2007, p. 217, grifos das autoras).

Nessa direção, a incompletude do texto se dá pelo resultado da interlocução entre os sujeitos envolvidos nesse jogo. O sentido não pertence nem ao sujeito-leitor nem ao texto em si, tampouco àquele que o produziu, ele é oriundo “[...] da relação entre os sujeitos históricos envolvidos na sua produção/interpretação” (Indursky, 2006, p. 70). O que importa, como discutem Schons e Grigoletto (2007), não é objetivo do texto, mas sim que, por trás dessa prática languageira, há um autor que está interpelado por uma ideologia que o faz produzir sentidos, a partir do que foi escrito como verdade. Há, então, uma prática discursiva. Logo, “o texto é construído a partir das condições sócio-históricas e ideológicas” (Schons; Grigoletto, 2007, p. 218).

Isto posto, antes de me debruçar sobre as materialidades que serão analisadas nesta seção, é preciso explicar o que é pedido pelo ENEM quando falamos de redação. Em mais de vinte anos de aplicação, a banca do exame solicita que o candidato escreva, em poucas horas, um texto de cunho dissertativo-argumentativo em até trinta linhas. Esse gênero textual nunca mudou até hoje, apenas aperfeiçoaram-se os parâmetros de correção e as especificidades solicitadas pela prova aumentaram. A Figura 4 é oriunda da Cartilha do Participante do ENEM 2022 (Brasil, 2022), a versão mais recente desse material em que o candidato pode entender melhor o funcionamento da prova de redação. Nesse documento, o INEP explica ao participante o que será cobrado e avaliado pela banca no que tange à redação, demonstrando como acontece a correção e trazendo exemplos das redações nota mil da prova aplicada no ano anterior.

Figura 04 - Cartilha do Participante 2022



Fonte: Cartilha do Participante 2022 (INEP, 2022, p. 6).

Esse quadro explicativo da Figura 04 é apresentado pelo INEP nas primeiras páginas da Cartilha e ilustra o caminho que o participante precisa percorrer para produzir um texto digno de receber a nota mil na prova de redação do ENEM. Como se vê, aparentemente, a “fórmula” não é tão secreta assim: o participante precisa produzir um texto dissertativo-argumentativo que apresente a defesa de um ponto de vista relacionado ao tema proposto pela banca naquele ano, de forma coesa e coerente, embasado por argumentos fundamentados e uma proposta de intervenção para problemática em destaque que respeita aos direitos humanos. É interessante observar aqui que, independentemente do texto produzido pelo candidato, sempre haverá a presença do ponto de vista do autor, tendo em vista que o sujeito nunca será neutro e sempre tomará posição, e isso é levado em consideração pela banca examinadora no momento da correção. Por mais que isso seja um ponto positivo, ao ler a materialidade como um todo, alguns pontos chamam minha atenção, e esses não devem passar despercebidos.

O primeiro deles está logo na primeira frase do parágrafo reproduzido na Figura 04: a prova de redação exigirá do candidato a produção de um texto, em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo sobre determinado tema. O que mais me causa incômodo aqui não é que o candidato precise produzir um texto dissertativo-argumentativo, mas sim que esse é o único gênero textual considerado pela banca examinadora do ENEM em todas as edições da prova. Dessa forma, dois problemas emergem: i) é como se a banca entendesse que apenas por intermédio desse gênero textual que o candidato pode expor sua opinião sobre o tema proposto, desconsiderando que existam milhares de outros gêneros textuais a serem explorados; ii) por

meio dessa escolha, ocorre uma padronização da prova de redação do ENEM e, por conseguinte, da produção textual e do ensino sobre texto nas escolas do País.

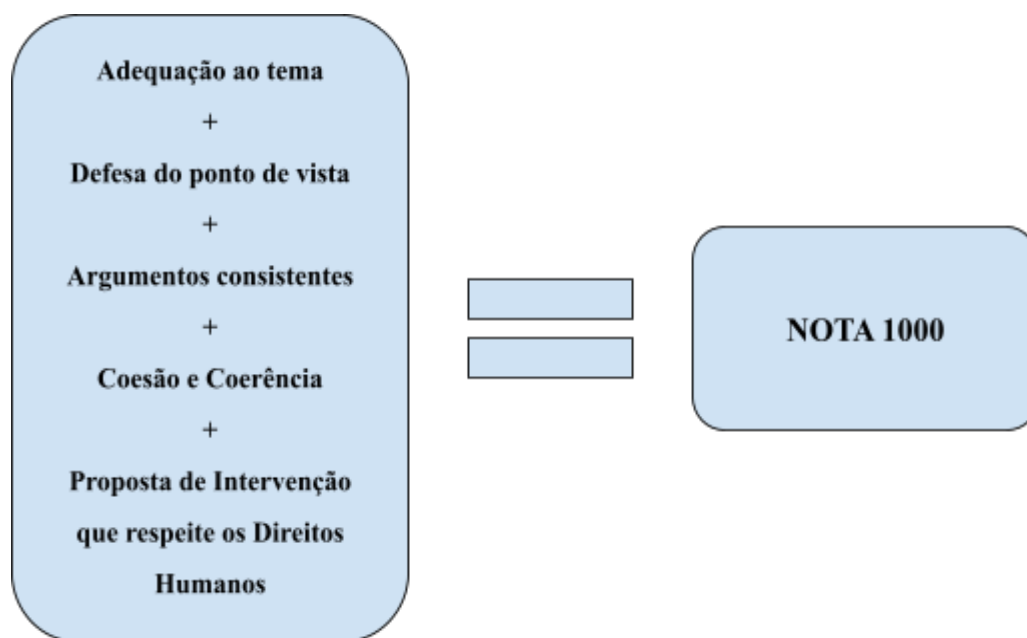
Infelizmente, desde o Ensino Fundamental II, toda a cadeia educacional brasileira desdobra-se em prol da prova do ENEM, isto é um fato que dificilmente será mudado. Dessa maneira, por mais que os documentos oficiais que organizam o que pode e deve ser ensinado nas escolas brasileiras apresentem uma gama de gêneros textuais que precisem ser trabalhados ao longo do Ensino Fundamental II e do Ensino médio, na prática, tudo se volta para produção de textos dissertativos-argumentativos por causa da prova do ENEM. Essa realidade pode ser vista diariamente nas escolas, onde, a cada ano, o ensino de redação nos parâmetros do ENEM está começando muito mais cedo, provocando o apagamento dos outros milhares de gêneros textuais existentes, que são de grande importância para formação crítica e social do aluno. Nesse sentido, a educação brasileira, e o mercado educacional como um todo, modifica-se em prol de uma prova de vestibular por ela ser a principal forma de entrada nas Universidades públicas do País.

Isto posto, ainda na materialidade, a segunda frase do parágrafo contido na Figura 04 chama a atenção por não levar em conta os problemas educacionais presentes no Brasil. Sob o dizer que os aspectos a serem avaliados pela banca examinadora relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade, o INEP prefere ignorar que a educação no Brasil não acontece de forma igualitária, por mais que a BNCC pregue isso. Como é de conhecimento geral, as desigualdades sociais do Brasil afetam as mais diversas áreas da sociedade, e a área educacional é uma das mais afetadas.

A educação pública e a educação privada possuem diferenças significativas no que diz respeito a materiais didáticos e a oportunidades de ensino-aprendizagem, nos mais amplos sentidos do dizer, tendo em vista que a educação no Brasil tornou-se um produto mercadológico. Nesse ínterim, o que se vê é o que não cansa de ser noticiado nas grandes mídias do País: a educação pública não detém, nem de longe, a qualidade da educação privada, pois os governos, de um modo geral, ainda encaram a educação como gasto, não como investimento. Dessa forma, o mercado da educação privada ganha força a cada ano e investe para que aqueles que detêm mais capital em mãos possam ter o maior e melhor acesso à educação de qualidade possível, tornando a competição pela nota mil muito mais injusta. Assim, por mais que o ENEM decida trocar o gênero textual que deve ser produzido na prova de redação, o mercado educacional brasileiro buscará formas de se adaptar e garantir que os mais ricos ainda consigam garantir suas vagas nas Universidades públicas deste País.

O restante do texto presente na Figura 04 pode ser resumido na figura abaixo, que foi formulada por mim a partir da leitura e interpretação da materialidade retirada da Cartilha do Participante 2022 que já estava sendo aqui analisada.

Figura 05 - A fórmula (nem tão secreta) para nota mil



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na Figura 05, pode-se ver um resumo do que a Figura 04 pede que seja levado em consideração pelo candidato do ENEM ao produzir seu texto dissertativo-argumentativo, isto é, a fórmula para nota mil. Ao seguir esses passos, o candidato do exame poderá construir o que o INEP chama de “unidade textual”, como podemos ver na Figura 04, isto é, um texto fechado e já pronto, que possui começo, meio e fim, assemelhando-se ao que é entendido por texto pela Linguística Textual, tal qual Indursky (2006, p. 75) postula, e foi reproduzido aqui por mim no Quadro 01. Nesse entendimento, a Cartilha do Participante (INEP, 2022) nos mostra que o candidato que jogar fora dessas linhas será penalizado e terá sua pontuação descontada a cada equívoco. Para tanto, com o fito de avaliar mais especificamente cada um desses pontos expostos na Figura 05, o INEP apresenta, na mesma Cartilha, as cinco competências da redação do ENEM, as quais reproduzo a seguir, na Figura 06.

Dessa maneira, o INEP busca facilitar tanto o processo de ensino de redação quanto o processo de correção dessas, tendo em vista a grande quantidade de redações que devem ser corrigidas todos os anos em tão curto espaço de tempo por um grande grupo de corretores. Todavia, essa facilitação do ensino e da correção implica, também, a facilitação da venda de modelos prontos que atingem todos esses pontos solicitados pela banca examinadora do ENEM todos os anos. Assim, o mercado educacional, ao adequar-se a esse sistema, consegue garantir e

gerar lucro anualmente a todos aqueles que detêm o conhecimento e a prática de trabalho com essa fórmula (nem tão secreta) para nota mil.

Figura 06 - Competências da redação do ENEM

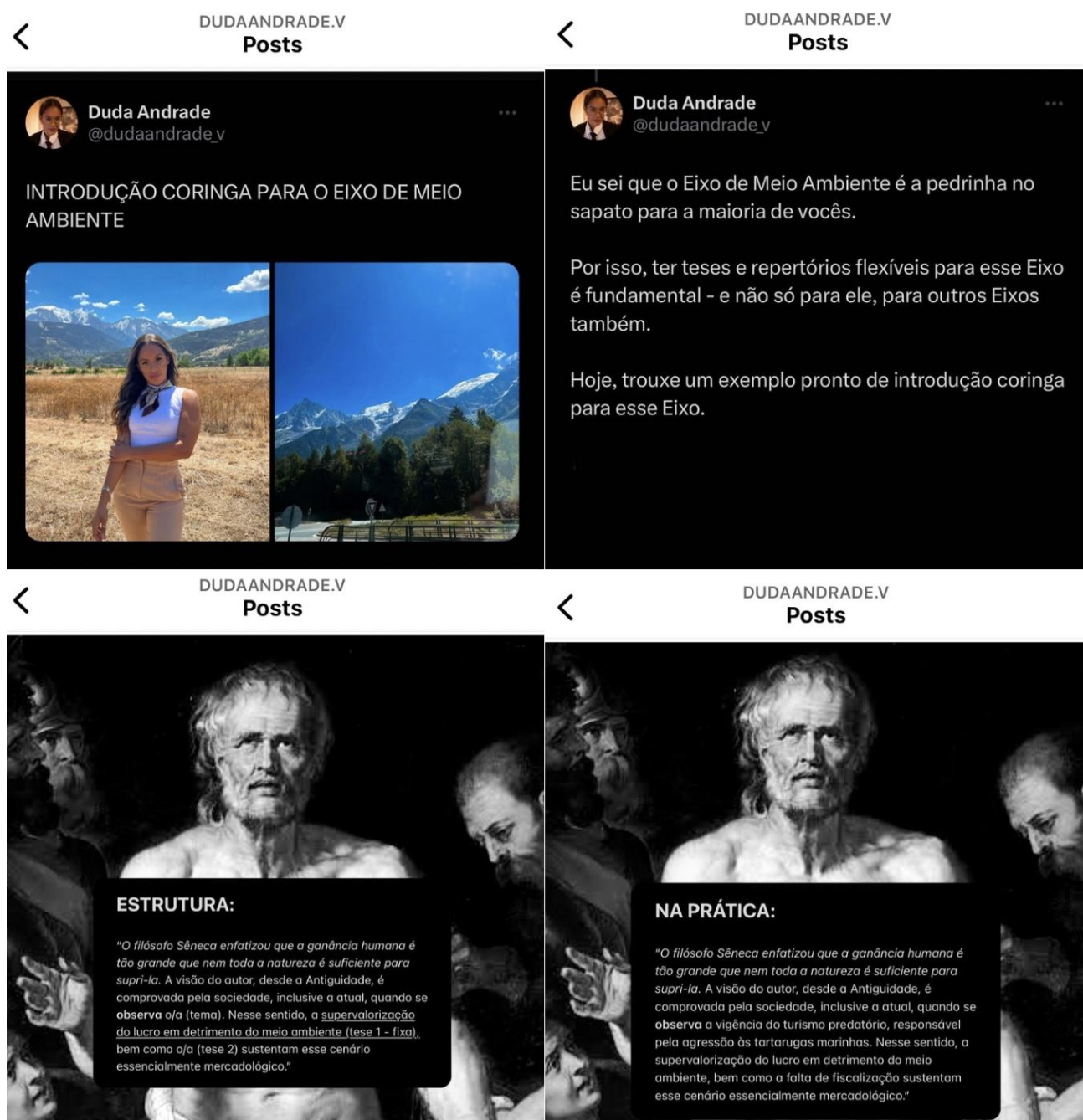
Competência 1	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência 2	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência 3	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência 4	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência 5	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Fonte: Cartilha do Participante 2022 (INEP, 2022, p. 7).

Nessa conjuntura, a Figura 06 exemplifica a forma pela qual o ensino de texto e, conseqüentemente, do tipo dissertativo-argumentativo se dá nas escolas brasileiras: por competências, semelhante às habilidades e competências da BNCC. Assim, o ensino de texto reduz-se à adequação do aluno a essas cinco competências, logo, ele não pode fugir dessa seara se quiser atingir a nota mil na redação do ENEM; caso contrário, a tão sonhada nota perfeita irá por água abaixo. Além disso, mais uma vez, o ensino brasileiro deficitário é deixado de lado pelo INEP ao propor a avaliação por competências, pois, na realidade, apenas aqueles que têm condições de estudar em escolas particulares e em cursos preparatórios de qualidade terão acesso ao ensino que aborda, de forma satisfatória, o trabalho com essas competências no texto. Resta, apenas, àqueles que não têm as mesmas condições financeiras, o ensino insatisfatório e deficitário.

Voltando-me agora para as materialidades postadas no *Instagram* por perfis que ensinam redação, buscarei atrelar as reflexões teóricas e analíticas já feitas nesta seção com o que foi coletado por mim para constituir o *corpus* empírico desta monografia. Com isso em tela, trago aqui as Figuras 07 e 08, a fim de desenvolver, acima de tudo, um debate sobre a noção de texto que norteia esses perfis coletados e questões afins que os interpelam e não posso deixar de lado ao construir minhas análises.

Figura 07 - Post do perfil @dudaandrade.v



Fonte: Montagem realizada pelo autor com base em postagem no *Instagram*¹⁵.

A Figura 07 é composta por quatro imagens que foram postadas em sequência pelo sujeito-professora Duda Andrade no *Instagram*, propondo um modelo de introdução coringa para um tema de redação qualquer que pertença ao eixo de meio ambiente, tendo em vista que o candidato que pretende fazer a prova do ENEM deve estar preparado para escrever um texto dissertativo-argumentativo sobre qualquer temática. Todavia, algumas questões emergem ao observar-se essa materialidade, e elas não podem ser ignoradas nesta análise.

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvsBCt-Ls3L/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 22/08/2023.

Acredito que o ponto de partida desta análise deva ser o sujeito-professora Duda Andrade. Em seu perfil do *Instagram*, ela explica, em uma sessão de *stories*, que, na verdade, não é uma professora formada em Letras, tampouco é formada qualquer licenciatura. A intitulada sujeito-professora de redação Duda Andrade é uma ex-estudante dos cursos de História e de Direito, ou seja, não tem formação acadêmica adequada para ensinar produção textual, mas, valendo-se do notório saber (BNCC, 2019), ela assume a posição de professora para ensinar no *Instagram* como escrever uma redação nota mil. Nesse movimento, observa-se que ela apaga a posição de professor de diversos outros sujeitos na rede social por, supostamente, deter conhecimento e prática sobre a redação do ENEM, pois o lugar social dela é outro, isto é, de ex-estudante de licenciatura e bacharelado. Assim, ela não tem categoria para enunciar do lugar de professora, mas mesmo assim o faz.

Observando melhor, agora, a materialidade da Figura 07, algumas coisas são importantes de pontuar. A postagem foi produzida e compartilhada para propagar um modelo de introdução coringa para redação do ENEM, isto é, que caiba em qualquer temática que seja solicitada pelo exame no dia de sua realização, o que em si só já é muito problemático. Ao passar para segunda imagem da postagem, descobre-se que o modelo coringa que Duda Andrade apresenta é sobre o eixo de meio ambiente, que, segundo ela, é uma “pedra no sapato” de muitos candidatos, ou seja, uma dificuldade recorrente. Isso nos mostra, mais uma vez, o impacto do déficit educacional brasileiro, pois, na maior parte das vezes, o público-alvo desses perfis de *Instagram* que falam sobre redação são estudantes que não possuem condições financeiras de ter acesso à educação de qualidade no Brasil.

Isso posto, ela busca construir para esse público materiais de fácil acesso e memorização para garantir curtidas e compartilhamentos, tendo em vista que, conforme Han (2018, p. 67) “hoje tudo é tornado enumerável, a fim de poder ser convertido na linguagem do desempenho e da eficiência”. Dessa forma, à medida que ela tiver mais curtidas, comentários e compartilhamentos em suas postagens no *Instagram*, maior credibilidade ela passará aos sujeitos-usuários que buscam esse tipo de conteúdo. Para além disso, a necessidade de produzir materiais de fácil acesso e fácil memorização também tem como objetivo mostrar para o seu público-alvo que aquilo que está disposto será útil para ele na hora do exame, sendo de fácil aplicação no texto, garantindo que ele atingirá as metas traçadas em cada uma das competências da prova de redação do ENEM, tal qual vê-se na Figura 06.

Todavia, a produção e propagação de uma introdução coringa, ou qualquer outra parte da redação, traz consigo um problema: o apagamento da individualidade do candidato, algo que é cobrado pela banca examinadora ao solicitar o ponto de vista do autor do texto, como se vê nas Figuras 04 e 05. Dessa forma, o que se vê, na verdade, é o desestímulo à prática de autoria

textual. Orlandi (2020, p. 71) explica que “a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim”. Pode-se observar, no entanto, que não há um incentivo a produção de um texto, mas sim a uma reprodução. Sob essa ótica, por mais que o candidato não disponha de tempo hábil para estudar todas as áreas do conhecimento para realizar a prova do ENEM, em especial a prova de redação, é necessário que ele ainda seja capaz de produzir um texto autoral, expondo seu ponto de vista e utilizando argumentos consistentes, tal qual vê-se na Figuras 04 e 05.

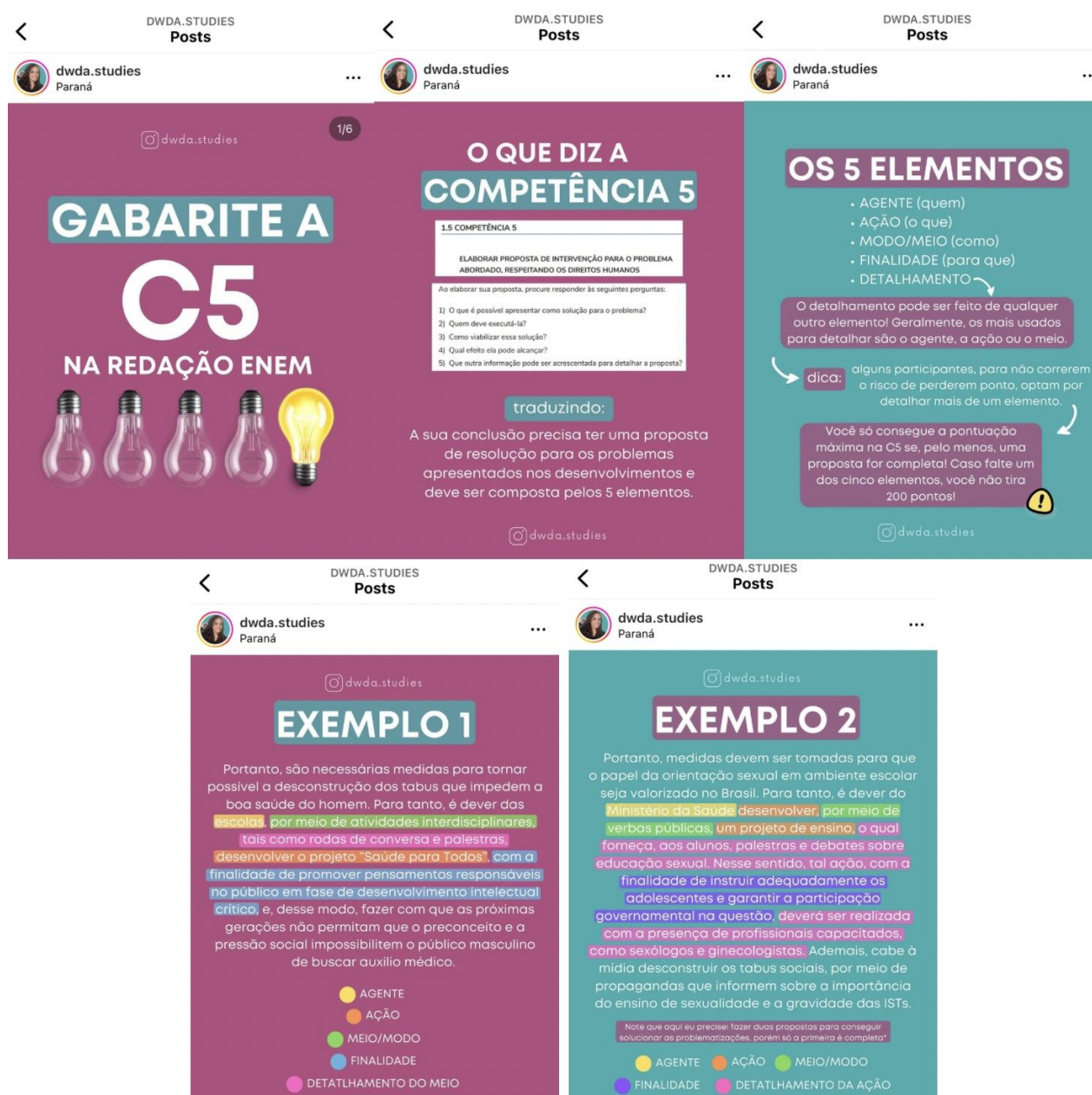
Outra questão importante de se observar na Figura 07 são as duas imagens de “estrutura x na prática”, uma paráfrase de “expectativa x realidade”. O modelo estrutural que ela traz lembra muito um quebra-cabeça, no qual o candidato deverá inserir, apenas em partes específicas, seu ponto de vista, se é que se pode dizer isso. O modelo que ela traz apresenta um fundamento filosófico, uma relação com os dias atuais, a apresentação do tema e as teses a serem defendidas, sendo esses dois últimos os espaços que devem ser completados pelo candidato conforme o recorte do tema da redação. Vê-se aqui que, na prática, pouca coisa muda, o texto coringa ainda é uma cópia fiel à estrutura proposta, pois não podem haver espaços para erros. Em uma prática languageira como essa, digo, de produção e reprodução de modelos coringas, a ideia de coesão e coerência, em princípio, é distorcida, pois o texto, na verdade, é um quebra-cabeça – o candidato apenas coloca as peças que faltam para completar o jogo.

Nessa direção, não posso dizer que essa prática assemelha-se aos pressupostos das áreas linguísticas que aponte no Quadro 1. Muito pelo contrário, vê-se aqui uma prática que aplica o entendimento de língua como sistema. Como é possível observar, o foco daqueles que (re)produzem modelos textuais como esse é, no geral, dar conta do bom uso da língua, assemelhando-se muito às primeiras formulações sobre noções de língua, pois, como é sabido, “os gramáticos formulavam regras que pudessem dar conta do bom uso da língua. Aquele que as dominasse, teria a sua disposição a arte de falar [e escrever] bem” (Indursky, 2006, p. 38, acréscimo meu), e é isso que é estimulado aqui. Antigamente, os primeiros grandes gramáticos não tinham o texto como objeto de análise, já que compreendiam que, se um falante dominava bem as regras gramaticais e sabia fazer frases bem elaboradas, por conseguinte, saberia produzir um bom texto.

Dessa forma, “*texto*, para os gramáticos, tanto os romanos como os que se lhes seguiram, consiste em um encadeamento de frases, e a gramática ensina a compor frases bem formadas e a encadeá-las em períodos igualmente bem constituídos.” (Indursky, 2006, p. 38, grifos da autora). Em síntese, cabe ao candidato que deseja realizar a prova de redação do ENEM dominar as regras gramaticais. Ao fazer isso, estará apto a produzir um bom texto

dissertativo-argumentativo, pois terá um conjunto de frases bem formadas, e atingirá a nota mil. Entretanto, é preciso destacar que a (re)produção de modelos prontos de redação feito este da Figura 07 apaga o sujeito-autor da cena discursiva, impossibilitando-o de “[...] se relacionar com os diferentes processos de significação que acontecem no texto” (Orlandi, 2020, p. 57).

Figura 08 - Post do perfil @dwda.studies



Fonte: Montagem realizada pelo autor com base em postagem no *Instagram*¹⁶.

Dando continuidade à discussão sobre noção de texto nos perfis de redação no *Instagram*, apresento a Figura 08: uma postagem realizada pelo perfil de Dwda.studies, que traz

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtKcMwMR6Vv/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 22/08/2023.

um modelo pronto para proposta de intervenção, como é conhecida a conclusão da redação do ENEM. Antes de me debruçar sobre a materialidade, acredito ser interessante pontuar algumas coisas sobre o sujeito que produz essas postagens. O sujeito em questão não é professora de português, tampouco cursa Letras; na verdade, é uma estudante de medicina que produz conteúdos sobre a redação do ENEM, tendo em vista que, supostamente, detém o conhecimento sobre a fórmula (nem tão secreta) para nota mil. Vê-se aqui, mais uma vez, o apagamento da forma-sujeito professor. O lugar social de Dwda.studies não é o de professor, ou de um sujeito que estuda para se tornar tal, por isso, ela não tem embasamento teórico, tampouco deveria ter autorização para fazer esse tipo de postagem e assumir um lugar que não lhe pertence; mesmo assim, adquire prestígio social e virtual, continuando a produzir esse tipo de conteúdo.

Voltando à materialidade em si, algumas considerações devem ser feitas. Sozinha, a Competência 5 da redação do ENEM representa $\frac{1}{5}$ da nota que pode ser obtida pelo candidato, e isso é algo aparentemente simples de atingir: basta seguir as regras que a banca examinadora pede, como a autora do *post* mostra na Figura 08. Em geral, a proposta de intervenção da redação do ENEM é conhecida por cobrar a presença de cinco fatores: agente, ação, modo, finalidade e detalhamento, que devem ser dispostos com base na argumentação do candidato em seu texto, pois, caso incoerente, haverá penalização. Sendo assim, os dois exemplos de conclusão apresentados na Figura 08 pela autora da postagem seguem o mesmo modelo. É interessante observar aqui que, em nenhum momento, a autora indica que os exemplos na postagem são modelos a serem seguidos, porém, nas entrelinhas, isso é sugerido.

A forma que as duas conclusões são construídas é, de certa forma, engraçada, pois, primeiramente, em ambas, há o uso da conjunção conclusiva “portanto” como peça inicial do parágrafo. Nessa direção, com base nessa postagem, é como se o “portanto” fosse a única conjunção conclusiva existente para ser utilizada em casos como esse por ser mais comum para o público-alvo. Além disso, há aqui, mais uma vez, o apagamento da individualidade do autor do texto, do ponto de vista do candidato, tendo em vista que o objetivo de compartilhar modelos prontos de redação é a paráfrase, para que o candidato não precise dispor tempo para pensar em produzir um texto heterogêneo e autoral, em que há relações de intertextualidade e interdiscursividade.

Dessa forma, ao propor dois exemplos de conclusão que são iniciados por tópicos frasais semelhantes e estruturas equivalentes, não há mais uma unidade complexa, isto é, não há mais o esforço autoral de construir uma linha de raciocínio que se adeque ao que foi discutido no decorrer do texto, não há mais interpretação – há apenas memorização e reprodução, tal qual uma máquina. Nessa conjuntura, mais uma vez, há a reprodução da noção de língua como sistema, assim como vê-se na Figura 07. Conforme Indursky (2006), aquilo que Saussure

postulava ao propor a dicotomia Língua/Fala, isto é, a exclusão do falante e de sua atividade languageira, tem por consequência a exclusão da individualidade daquele que produz um texto, pois, o texto, “enquanto categoria teórica [...] remete para atividade de um sujeito” (Indursky, 2006, p. 39). Nesse sentido, a ideia de que “a autoria ao mesmo tempo constrói e é construída pela interpretação” (Orlandi, 2020, p. 77) é desfeita em prol da propagação da ideia de que texto é um quebra-cabeças que pode ser reproduzido por qualquer sujeito que saiba fazê-lo. Assim, a posição de autor do texto, junto a sua individualidade e ponto de vista, é apagada; o sujeito torna-se reprodutor, tal qual uma máquina, cujo objetivo é um só: atingir a nota mil.

CAPÍTULO II - EM TEMPOS *INSTAGRAMÁVEIS*, SER PROFESSOR DE PORTUGUÊS

No primeiro capítulo desta monografia, debrucei-me sobre dois aspectos muito importantes para discussão que realizei até aqui, isto é, o funcionamento do algoritmo do *Instagram* e a noção de texto que norteia os perfis que disseminam modelos prontos de redação nessa rede social. Sob essa ótica, pretendo agora olhar para outros vieses que perpassam a discussão realizada no capítulo anterior, sendo eles os efeitos do empreendedorismo no apagamento do lugar do professor de português no *Instagram*, junto ao funcionamento e os efeitos do espaço virtual nos processos de apropriação, empreendedorismo e apagamento.

Isto posto, antes de qualquer coisa, acredito que seja necessário esclarecer uma noção que citei desde a introdução desta monografia e utilizei constantemente no capítulo anterior: a de sujeito-usuário. Em certo ponto do Capítulo I, postulei, brevemente, que o sujeito-usuário era uma categoria intermediária entre o sujeito do discurso e o sujeito empírico, mas não esmiucei o que quis dizer com isso. Aqui, para explicar melhor essa noção, baseio-me no que Costa-Carneiro (2023) postulou em sua dissertação de mestrado. Sendo assim, não estou me referindo a um sujeito que recebe um nome ao nascer ou um apelido em seu meio social, isto é, o sujeito empírico; tanto menos àquele sujeito que é mencionado nas análises que realizei até então, ou seja, o sujeito discursivo. Conforme o autor explica, o sujeito-usuário é um sujeito “projetado imaginariamente pela programação da máquina, isto é, o sujeito-usuário é uma categoria a ser preenchida em diferentes mídias sociais digitais” (Costa-Carneiro, 2023, p. 110).

Dessa forma, todo e qualquer algoritmo de rede social é construído até certo ponto por seu programador, que deixa brechas para o sujeito que irá utilizá-lo, no futuro, completá-las. Dessa forma, a automação do algoritmo antecipa e prepara os movimentos que serão realizados pelo sujeito que utilizará a máquina, causando a falsa impressão de que ele é quem decide os próprios passos na rede. Essa antecipação cria, como bem diz o autor, um sujeito possível, que não pode ser chamado de sujeito empírico, pois, para além do espaço virtual, o sujeito-usuário não existiria, tampouco pode ser chamado de sujeito do discurso, já que, nessa conjuntura, não toma posição discursivamente.

Por isso, o sujeito-usuário seria uma categoria intermediária entre o sujeito do discurso e o sujeito empírico, pois este, para se tornar o sujeito do discurso nas redes sociais, precisa assumir a posição de sujeito-usuário, que é projetada pela máquina, para poder se subjetivar e produzir sentidos/deslocamentos. Nessa direção, “quando há interação com a máquina, ao se constituir sujeito do discurso na/pela posição de sujeito-usuário, os sentidos podem ser outros” (Costa-Carneiro, 2023, p. 110). Dessa forma, nas palavras de Grigoletto (2011), há interlocução.

Com a noção de sujeito-usuário bem estruturada e mais esclarecida, posso, agora, adentrar na discussão que objetivo fazer neste Capítulo: analisar os efeitos do empreendedorismo no apagamento do lugar do professor de português no *Instagram*. Para tanto, na próxima seção, buscarei, primeiramente, traçar um percurso teórico relacionando questões sociológicas e educacionais que me auxiliarão a produzir análises mais produtivas e aprofundadas que possibilitarão compreender melhor a forma que o lugar do professor de português é apagado no *Instagram* devido às práticas empreendedoras, tal qual mencionei brevemente no capítulo anterior.

2.1 O LUGAR DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS NO INSTAGRAM: OS EFEITOS DO DISCURSO EMPREENDEDOR

Julgo interessante iniciar a discussão desta seção tendo como base o que Han (2018) discorre sobre a importância do desempenho na era digital. No capítulo “Do agir ao passar de dedos”, presente na obra *No enxame*, Han (2018) associa a necessidade do trabalho com a prática de jogar, tendo em vista que os aparelhos digitais fazem com que nossas mãos murchem, atrofiem-se, libertando-nos do fardo da matéria, pois, no futuro, não precisaremos mais delas, mas sim dos nossos dedos. Não precisaremos mais lidar com coisas materiais, “mas sim apenas com informações intangíveis. O novo ser humano *passa os dedos*, em vez de *agir*. Ele quererá apenas jogar e aproveitar.” (Han, 2018, p. 62, grifos do autor).

Nessa conjuntura, o ser humano do futuro só terá duas preocupações: jogar e aproveitar a vida jogando, e isso o levará ao ócio, não será o trabalho, como pensamos atualmente. Han (2018) postula, então, que seremos jogadores, ao invés de trabalhadores, e isso me parece estranho, pois, atualmente, o ato de passar horas jogando já é considerado uma espécie de trabalho na *internet* - estaríamos, então, já vivendo o futuro? Esse ser humano que passa o dia jogando e apenas utilizando os dedos, pois as mãos já se foram, não age. A atrofia de suas mãos o impede de fazer qualquer outra coisa, já que o trabalho com algo pressupõe uma forma de resistência, e aí habita uma forma de negação. Dessa forma, “a sociedade da positividade atual evita, porém, todas as formas de resistência. Ela suprime, desse modo, *ações* [...] não parte do digital qualquer resistência material que se teria que superar por meio do trabalho. Desse modo, o trabalho se aproxima, de fato, do jogo.” (Han, 2018, p. 63, grifos do autor).

Em contrapartida, a vida no mundo digital não diminui nem um pouco o tempo de ócio. Muito pelo contrário, sempre está implícito o princípio do *desempenho*, isto é, quanto mais tempo em ócio, mais afetado está o seu desempenho, gerando frustração entre trabalho e jogo. A ideia de desempenho nos aterroriza a todo instante, transformando toda prática de lazer em um

gancho de memória com o trabalho. É em meio a essa infeliz realidade que “o jogador se dopa e se explora, até que ele se arruíne com isso” (Han, 2018, p. 63), e é nessa relação com a era do desempenho que emerge a prática empreendedora e seus efeitos em nossa sociedade.

O império neoliberal em que vivemos tem como prática de coerção o desempenho, transformando todo e qualquer tempo do sujeito em tempo laboral. A pausa que resta ao sujeito é como se fosse uma espécie de interfase no jogo do trabalho. Neste espaço, a prática empreendedora surge com discursos como *seja você o seu próprio chefe, seja dono do seu tempo e tenha mais controle sobre a sua vida*; claramente ilusões que são vendidas pelos donos do capital em forma de ideais para aqueles que não aguentam mais se subalternizar às ordens de outros sujeitos. Em outras palavras, isto é o que Kramer Wanderley (2020, p. 79) postula sobre o ato de empreender, ou seja, “uma aventura possível para todos”. O resultado desse discurso neoliberal medíocre é a maximização do tempo de trabalho e a impossibilidade de separar o trabalho da vida social como um todo, pois não há tempo livre, só há tempo para trabalhar.

Entretanto, por mais que as práticas empreendedoras atuem como um compilado normativo do/no universo capitalista neoliberal, elas não sobredeterminam apenas o mundo do trabalho, mas sim, como Kramer Wanderley (2020) defende, todos os AIE (Althusser, 1985). Este discurso empreendedor interpela, a exemplo, o AIE Escolar brasileiro por intermédio da BNCC (Brasil, 2019), mais especificamente. A BNCC, como é de conhecimento geral, é um documento normativo que tem caráter de lei e regulamenta os processos de ensino e aprendizagem brasileiro nas três fases da educação básica: o Ensino Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Como se vê no próprio documento,

a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2019, p. 7, grifos do autor).

Dessa maneira, por se tratar de um documento normativo, a BNCC tem como principal funcionalidade determinar todos os eixos e estruturas formativas das escolas públicas e privadas do Brasil, enquanto o Ministério da Educação, nas suas respectivas atribuições, tem o poder de punir todas aquelas instituições que não cumprirem as diretrizes normativas da BNCC. Nessa conjuntura, por sofrer influências do mercado neoliberal, a BNCC determina que os professores de todo o País ensinem e incentivem o empreendedorismo em sala de aula. Debruçando-se com maior atenção sobre esse documento, percebe-se que a palavra empreendedorismo é citada, no mínimo, quatro vezes, e isso se dá no recorte dos eixos e habilidades dispostos para o Ensino Médio. Para tanto, a BNCC afirma que todas as escolas que acolhem a juventude precisam,

dentre outras coisas, se estruturar de maneira a:

[...]

- proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o **empreendedorismo** (criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros), entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade; e

- prever o suporte aos jovens para que reconheçam suas potencialidades e vocações, identifiquem perspectivas e possibilidades, construam aspirações e metas de formação e inserção profissional presentes e/ou futuras, e desenvolvam uma **postura empreendedora**, ética e responsável para transitar no mundo do trabalho e na sociedade em geral (Brasil, 2019, p. 466, grifos nossos).

Nesse sentido, é função das escolas brasileiras promover o empreendedorismo, logo, cabe ao Estado brasileiro “garantir o investimento em um projeto de formação empreendedora para os seus cidadãos” (Kramer Wanderley, 2020, p. 80). Percebe-se, inclusive, que a palavra empreendedorismo tem seu sentido ampliado através de sinônimos dentro do documento oficial em um movimento de paráfrase, explicitando as habilidades que um sujeito-empendedor deve ter. Isto posto, observa-se que esse movimento empreendedor, dentro do ambiente laboral, é uma forma de mascarar as antigas práticas de trabalho informal, algo, infelizmente, comum dentro do mercado brasileiro, que escancaram o descaso do Estado enquanto provedor de uma melhor qualidade de vida para o povo, acarretando na ocorrência e manutenção das desigualdades sociais e educacionais que se vê até os dias de hoje no Brasil. Sob essa ótica, “é um projeto de Estado transformar o contingente trabalhador potencial informal em *empreendedores*, enquanto posição-sujeito numa formação social neoliberal, através da educação” (Kramer Wanderley, 2020, p. 82, grifos da autora). Para além disso,

Se o Estado, por meio da Educação, enquanto AIE, oferece ao cidadão o direito de se educar empreendedor (apagando-se a diversidade de posições empreendedoras), mas se apagam sob esse rótulo todas as distinções de classe próprias às diversas naturezas de empreendimentos pessoais, a educação não é senão um instrumento de reprodução ideológica das estruturas desiguais já existentes (Kramer Wanderley, 2020, p. 82, grifos da autora).

Os efeitos dessa prática afetam, sobretudo, a saúde do sujeito, que colapsa, perdendo qualidade e longevidade, já que “os sujeitos do desempenho esgotados adormecem do mesmo modo com que uma perna adormece” (Han, 2018, p. 64). Assim, como dito anteriormente, as pausas para relaxamento não passam de uma ferramenta de trabalho ao passo que servem para regenerar a força laboral do sujeito. Por mais que sejamos livres das grandes máquinas da época da Revolução Industrial, que exploravam os trabalhadores durante horas e mais horas ao longo

do dia, hoje somos escravos dos computadores e celulares - e por que não de nós mesmos? Esses novos aparelhos digitais, à medida que se aperfeiçoam e modificam-se, criam uma nova forma de coerção, de exploração, às quais os sujeitos se submetem sem ao menos perceber. Segundo Han (2018, p. 65),

Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transformam todo lugar em um local de trabalho e todo o tempo em tempo de trabalho. A liberdade da mobilidade se inverte na coação fatal de ter de trabalhar em todo lugar. [...] O aparato digital torna o próprio trabalho móvel. Todos carregam o trabalho consigo como um depósito de trabalho. Assim não podemos mais escapar do trabalho.

Sob essa ótica, não é mais necessário sair de casa para ir trabalhar. O trabalho está conosco o tempo todo, ele é uma parte de nós, está em nossos aparelhos digitais, está em nosso corpo, está em nosso sono. A lógica neoliberal de empreender leva o sujeito a entender que, por ser dono de seu próprio tempo, pode trabalhar a hora que quiser, onde bem entender e da forma mais confortável possível, ignorando a necessidade das pausas e do descanso, pois, agora, mais do que nunca, ele é a sua própria fonte de renda. Ao passo que isso causa uma sensação de liberdade, é a própria prisão do sujeito – essa é a pena por adentrar no império neoliberal do empreendedorismo, tendo em vista que a constante necessidade de potencializar o seu desempenho é a sua própria ruína.

Isto posto, Han (2018, p. 65) defende que a relação obsessiva/compulsiva com os aparelhos digitais produz uma coação da comunicação. Logo, “a liberdade se inverte em coação”. Assim, por estarem sempre ao alcance de todos, as redes sociais, como o *Instagram*, endossam a pressão da comunicação, e isso faz parte da lógica do capital. Quanto maior e mais rápida for a comunicação e, conseqüentemente, a informação, maior e mais rápida será a circulação de capital.

O autor explica que a palavra *digital* denota *enumeração*, isto é, voltando à ideia da atrofia das mãos em detrimento do uso em excesso dos dedos, estes são contadores de ações. Na era do digital, o que importa são os números. Assim, quanto mais curtidas, comentários e compartilhamentos nas redes sociais, em especial aqui no *Instagram*, maior a ideia de desempenho. Para Han (2018, p. 67), “hoje tudo é tornado enumerável, a fim de poder ser convertido na linguagem do desempenho e da eficiência”. Dessa forma, o que é levado em consideração são os números, pois eles, além de significar desempenho, significam credibilidade.

A *credibilidade* nas redes sociais, sobretudo no *Instagram*, é o fator primordial para consumir a venda de um produto ou serviço, tendo em vista que, nas redes, a quantidade de golpes e fraudes não para de aumentar. Dessa forma, para conseguir vender um produto, como

manuais que ensinam sobre os modelos de redações para atingir a nota mil, é necessário confiança no sujeito-usuário empreendedor. Porém, Han (2018, p. 121, grifos do autor) faz uma ressalva, explicando que “a confiança é um *ato de fé*, que se torna obsoleto em vista das informações facilmente disponíveis”. O ato de confiar nas redes sociais é algo muito efêmero e delicado, basta um comentário negativo em uma postagem para desfazer um negócio que estava pronto a ser fechado.

No atual império do digital, a confiança tornou-se um fator essencial para que sujeitos-usuários possam estabelecer relações com outros sujeitos-usuários desconhecidos que vendem produtos ou serviços no espaço virtual; no nosso caso, materiais voltados para redação do ENEM. Isto posto, é preciso, constantemente, que esses sujeitos-usuários empreendedores busquem produzir produtos únicos e revolucionários sobre a redação do ENEM para angariar seu público-alvo, tendo em vista que, na *internet*, existem diversos materiais parecidos com os que eles buscam vender no *Instagram*. Assim, a concorrência é constante; a reinvenção e o aperfeiçoamento são tarefas diárias. Nessa direção, apresento e analiso agora as Figuras 09 e 10 com intuito de ilustrar o que venho discutindo até agora.

Figura 09 - Post do perfil @med_descomplica



Fonte: Montagem realizada pelo autor com base em postagem no *Instagram*¹⁷.

Com base nos pressupostos teóricos que tenho discutido nesta seção, apresento a Figura 09: uma postagem realizada pelo perfil @med_descomplica, que traz um produto a ser vendido, isto é, um cronograma de três meses para intensificar a preparação para o ENEM do candidato que o adquirir. Antes mesmo de discutir sobre o conteúdo da materialidade em questão, acredito ser crucial analisar o perfil que produz essa publicação. Assim como pontuei na análise referente à Figura 08, o sujeito proprietário desta conta não é um professor de português, muito menos cursa Letras. Considerando o nome de usuário, lanço mão de duas hipóteses: i) esse sujeito é um estudante do curso de medicina que, por já ter sido aprovado no ENEM, produz postagens sobre esse conteúdo e busca vender materiais sobre o exame; ii) esse sujeito é um vestibulando de medicina, isto é, assim como seu público-alvo, é um sujeito que também anseia passar no ENEM para adentrar no curso dos seus sonhos. Todavia, por, supostamente, deter

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvpO-Nxu5Vy/?igshid=NzZhOTFIYzFmZQ==>. Acesso em: 12/09/2023.

conhecimentos mais aprofundados sobre o exame do que os outros candidatos, esse sujeito se coloca em uma posição de prestígio e produz conteúdos voltados para o ENEM com intuito de empreender. Observa-se, ainda, que em seu perfil são vendidos conteúdos de outras áreas do saber, como história, física, biologia, etc. Nesse contexto, para além do apagamento do lugar do professor de português, há o apagamento da profissão de professor. O lugar social de @med_descomplica não é o de professor, tampouco de algum estudante de algum curso de licenciatura, logo, esse sujeito não detém embasamento teórico, tanto menos deveria ter autorização para publicar esse tipo de conteúdo em uma rede social e assumir um lugar do qual não deveria estar autorizado a falar.

O cronograma proposto por esse perfil é vendido como uma espécie de salvação para aqueles candidatos que se encontram perdidos a três meses da aplicação do exame. Com base no que é disposto na publicação, esse material configura-se como um documento norteador por conter doze semanas de estudos com assuntos considerados essenciais para o ENEM. Entretanto, é uma compra às cegas, pois o sujeito-usuário que o adquirir não saberá quais são esses assuntos até que efetue o pagamento e receba o material. Não fica claro se o produto que está sendo vendido aqui é sobre redação ou sobre o exame em geral; há uma ambiguidade que não deveria existir, já que aquele que compra um produto precisa saber o que está adquirindo de verdade.

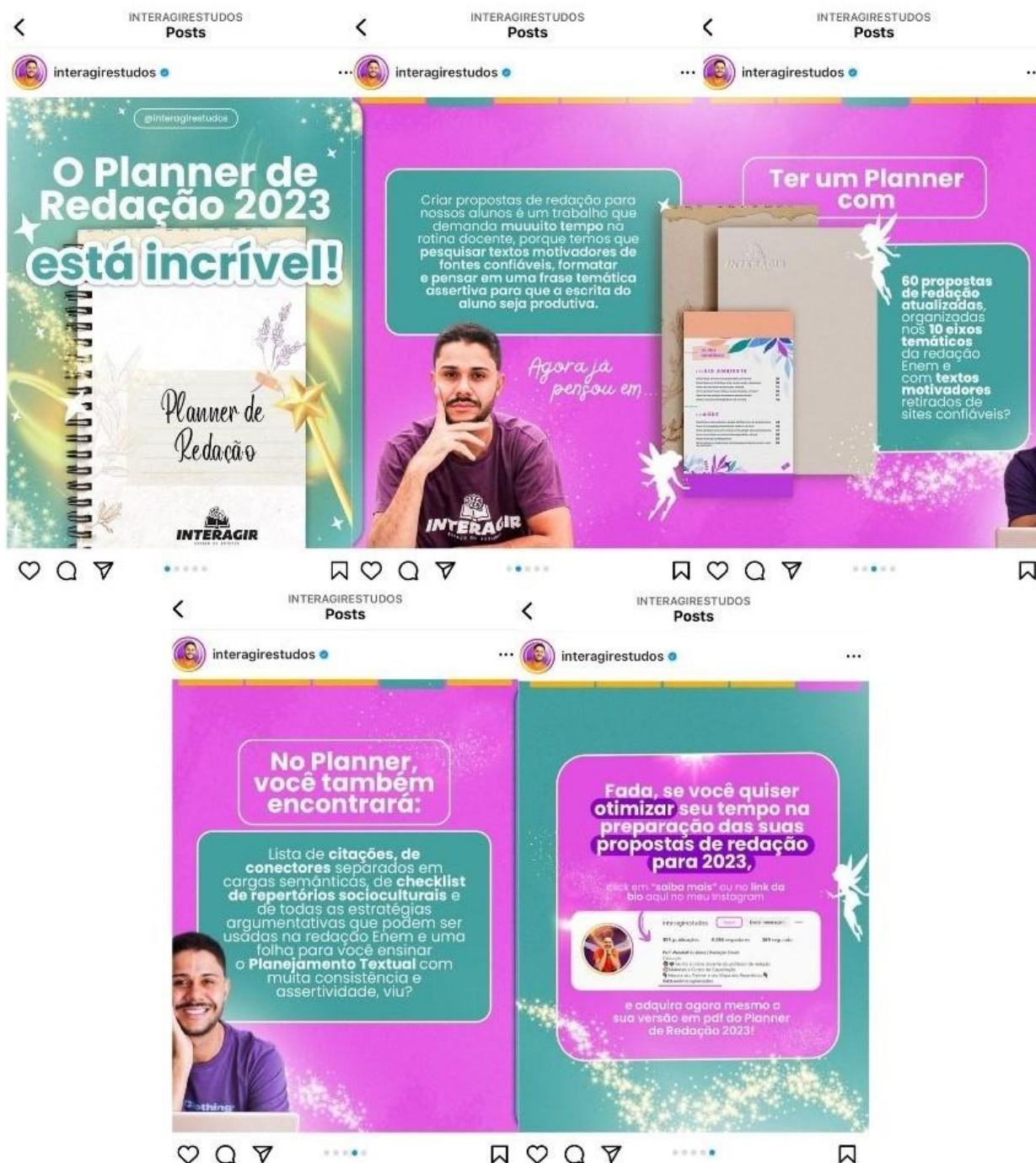
Não obstante, esse perfil ainda inclui no *pack* de venda cinco sugestões de temas de redação para treinamento e dois modelos coringas de introdução. Assim como destaquei nas análises da segunda seção do Capítulo I, aqui reincide a prática do ensino de língua como sistema. Por intermédio do incentivo à esta prática, apagam-se dois pontos-chaves: i) o ideal de autoria, conforme discute Orlandi (2020), desfaz-se, tendo em vista que o candidato deve apenas adaptar o tema ao modelo adquirido; ii) um dos pontos-chaves da prova de redação do ENEM, isto é, a defesa de um ponto de vista, como se vê na Figura 04, também é desconsiderado e arruinado ao colocar em prática qualquer um desses modelos coringas, pois o candidato produz um texto robotizado, sem autoria e individualidade em prol da rapidez e comodidade. Em ambas as frentes citadas, os preceitos da produção textual são jogados no lixo, e isso é um dos efeitos do mercado neoliberal, isto é, tudo deve ser feito rapidamente, não há espaço para pensar, deve-se apenas reproduzir e aplicar fórmulas prontas em prol de um objetivo.

Sob essa ótica, ao vender esse *pack* de apostilas, resumos e simulados, o perfil @med_descomplica insere-se nas práticas empreendedoras do capitalismo neoliberal que são incentivadas pelo Estado brasileiro, sobretudo na BNCC. Assim, conforme Kramer Wanderley (2020, p. 86), “é ‘natural’ que o Estado trabalhe a favor do mercado; não é de se espantar que categorias ligadas a empreendimentos individuais, e não coletivos, estejam pautando os

parâmetros educacionais como política de Estado, portanto.”. Por isso, sob a luz dessa subordinação ao capital, práticas como a que se vê na Figura 09 tornam-se mais comuns a cada dia: um sujeito que não possui formação em Letras assume o lugar social de um professor de português para ensinar sobre texto apenas com base no notório saber, tal qual incentiva a BNCC (2019), com intuito de empreender e ganhar dinheiro. Dessa maneira, o valor simbólico de quinze reais colocado por @med_descomplica ao material vendido adequa-se ao público-alvo do perfil, ou seja, candidatos de baixa renda que não têm acesso a um ensino de qualidade nas escolas brasileiras, portanto, a preparação para o ENEM precisa ser feita por intermédio da *internet*.

Diferentemente dos perfis apresentados até agora, a Figura 10 traz uma materialidade advinda do perfil @interagirestudos, administrado por Wendell Gustavo, um sujeito autointitulado professor de português que, conforme sua descrição no *Instagram*, ajuda outros professores de português a ocuparem seus lugares enquanto tais e enquanto corretores de redação do ENEM. Não obstante, ele ainda destaca que acredita na magia da linguagem. Entretanto, em seu perfil, não constam provas que validem o lugar social do qual ele enuncia.

Figura 10 - *Post* do perfil @interagirestudos



Fonte: Montagem realizada pelo autor com base em postagem no *Instagram*¹⁸.

Antes de adentrar nas particularidades da materialidade em questão, proponho voltar meu olhar para o nome de usuário do perfil aqui em análise - o @interagirestudos. Em primeira instância, como o próprio nome sugere, o sujeito-usuário em questão objetiva criar um espaço de conversa e compartilhamento de informações com outros sujeitos-usuários que se inscrevem no lugar social de professor de português, diferentemente das outras materialidades dispostas nesta

¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cn70LYHv0pO/?igshid=NzZhOTFIYzFmZQ==>. Acesso em: 12/09/2023.

monografia até então, que buscam criar um canal de diálogo e venda para candidatos da prova do ENEM. Dessa maneira, a ideia de interação aqui emerge como “processo de influências mútuas e também como o lugar onde se exercem jogos de ações e reações” (Grigoletto, 2011, p. 56). Por ser um significante que é utilizado de forma exaustiva em vários campos do saber, o conceito de interação abrange diversos sentidos, porém, aqui, reproduzo o que Grigoletto (2011, p. 57) aponta ser o sentido dominante sobre esse significante, isto é, “toda ação de linguagem que envolve troca, sobretudo verbal e entre usuários da língua”. Isto posto, o nome de usuário @interagirestudos surge como uma prática de socialização e troca de informações entre professores no *Instagram*.

Além disso, outra questão salta aos olhos ao me debruçar sobre esta materialidade: o uso do significante *fada*. Há toda uma construção imagética no perfil desse sujeito-usuário que remonta à imagem mística das fadas, como se observa também na Figura 10, retomando sentidos conhecidos por todos por se tratar de um pré-construído, isto é, de que fadas são seres simpáticos e prestativos que estão dispostos a ajudar a todos que surgem em seus caminhos. Não obstante, lembrando de um acontecimento mais recente, a ideia de fada aqui também remete à ideia de *fada sensata*, popularizada pela cantora e atriz Manu Gavassi em sua passagem pelo *Big Brother Brasil 2020*. Dessa forma, a ideia de fada sensata, aquela que nunca erra, aplica-se aqui também como um pré-construído, objetivando projetar ao sujeito-usuário que encontrar esse perfil confiança e credibilidade, pois, como Han (2018) pontua, confiança é um ato de fé, ainda mais no espaço virtual. Assim, ao colocar-se nessa materialidade, esse sujeito-usuário empreendedor apresenta-se como um sujeito empírico para os demais usuários do *Instagram*, endossando o ideal de credibilidade, sendo a face do próprio negócio.

Sob essas considerações, a venda do *planner* anual de redação torna-se, em tese, mais fácil, pois, agora, há um rosto para confiar, um sujeito empírico para buscar, uma fada que nunca erra e jamais seria desonesta com seus clientes virtuais. Nesse espectro, o produto aqui vendido surge como uma segunda via para professores que não conseguem planejar suas aulas, sobretudo de redação, e precisam de um material de qualidade e de confiança para ensinar aos seus alunos para que eles adquiram a tão almejada nota mil na redação do ENEM. Diferentemente das outras materialidades, a individualidade e criticidade apagada aqui não são a dos alunos, ou ao menos não somente deles, mas sim do professor de português. Nessa direção, baseando-se nos pressupostos da correria diária que um professor, sobretudo de português, vive, esse sujeito-usuário empreendedor coloca-se como uma alternativa viável e confiável para solucionar os problemas desses sujeitos, pois, através do produto aqui vendido, não será necessário desgastar-se cada vez mais para produzir aulas e buscar por conteúdos, já que tudo está ao seu

alcance à distância de alguns cliques no *Instagram*.

Com isso, o *planner* de redação 2023 de @interagirestudos, configura-se como um material completo, que é composto por 60 propostas de redação atualizadas nos 10 eixos norteadores da redação do ENEM, com textos de lugares confiáveis. Aqui, não fica claro para o comprador quais são essas propostas, tanto menos quais são as fontes desses textos oriundos, supostamente, de lugares confiáveis. Trata-se de uma caixa de Pandora: você só descobrirá se comprar. Entretanto, o interessante aqui não é somente isso, mas também que esse *planner* contém listas de citações, conectivos e *checklists* de repertórios socioculturais, além de estratégias argumentativas que podem ser usadas na redação. Essas últimas nada mais são do aquilo que já tenho discutido ao longo de toda esta monografia: modelos prontos de redação.

No final das contas, mais uma vez, é vendido no *Instagram* um material que estimula a utilização de fórmulas mágicas de redação para encurtar o tempo disposto para produzir um texto autoral pelo candidato. Todavia, agora, isso é vendido para profissionais da área de Letras, professores que, com base nesse material, incentivarão seus alunos a reproduzir esses modelos prontos em seus textos, apagando a individualidade e autoria de cada um em prol de bons resultados na redação do ENEM. Isso é efeito, também, do sistema capitalista neoliberal em que se insere a educação brasileira, tendo em vista que

O real da história se apaga/é apagado no/pelo discurso empreendedor no funcionamento de uma forma-sujeito empreendedora livre de coerções sociais e imbuída de competências e habilidades a serem desenvolvidas para superar as limitações exteriores, de modo que a função das instituições sociais passa a ser apenas a de gerenciar da melhor maneira possível essas potencialidades individuais. Se o modelo disciplinar industrial achatava subjetividades buscando reproduzir massas produtivas, o modelo ideológico empreendedor reproduz um imaginário de subjetividade individual tão potente quanto desvencilhado de suas condições socio-históricas de existência (Kramer Wanderley, 2020, p. 87).

Nessa ótica, ensinar o planejamento textual de forma assertiva é o objetivo primordial deste *planner*, tendo como base o ideal de otimização do tempo do professor de português, um ponto chave e principal motivador para a aquisição deste material. Com isso, as individualidades e subjetividades tanto do professor quanto do aluno são apagadas em prol das práticas do sistema neoliberal que se instaurou na educação brasileira nos últimos anos e foram validadas pela BNCC.

ENFIM, O FIM?

No decorrer desta monografia, busquei acalantar um desejo que possuía há muito tempo, isto é, debruçar-me com maior atenção sobre os perfis que (re)produzem modelos prontos de redação. Sempre que me deparei com esses perfis ao navegar pelo *Instagram*, senti-me provocado a entender os motivos pelos quais eles surgiam constantemente em minha página inicial e no meu menu explorar. Com o passar do tempo e com base nas leituras que realizei para embasar teoricamente este trabalho, sobretudo Paveau (2021), pude entender que, a todo tempo, estava sendo espionado pelo algoritmo do *Instagram*, que me seguia, registrava meus dados e os utilizava contra mim, bombardeando-me com esse tipo de conteúdo.

No processo de escrita da primeira seção do Capítulo I, após certo tempo, fui agraciado pelo acontecimento jurídico europeu que obrigou as redes sociais a tornarem mais claro o funcionamento de seus algoritmos, como é o caso do *Instagram*, gerenciado pela empresa *Meta*, do bilionário Mark Zuckerberg. Na discussão que realizei, pude apontar quais são as formas de inscrições possíveis para um sujeito-usuário neste espaço virtual, que constantemente são mascaradas pelo discurso da personalização da experiência, mais uma forma de ilusão a qual o sujeito das/nas redes é exposto. Ao fim desse percurso, posso concluir que a IA da *Meta* constrói um espaço dissociativo da realidade humana para o sujeito-usuário através do discurso da personalização da experiência com intuito de recolher dados para, depois, vendê-los.

Tendo isso em vista, na seção dois deste mesmo Capítulo, prossegui com minhas reflexões para adentrar na seara do texto e seus usos dentro desses perfis redacionais. Sempre acreditei que texto, para esses sujeitos, era um quebra-cabeça, pois se faz necessário apenas encaixar as peças certas nos locais certos e na hora certa para conseguir uma nota (quase) perfeita. Adentrei no processo de escrita desta monografia com essa convicção e saio dele ainda mais convicto disso. Por intermédio dos aparatos teóricos-metodológicos da AD Pecheuxiana, pude analisar e compreender que a noção de língua como sistema é a base do ensino e da produção desses modelos textuais. O fator de maior relevância não é a reflexão do sujeito, sua subjetividade e a possibilidade de expressar seu ponto de vista de forma produtiva e sincera através do texto, assim como propõe o ENEM; muito pelo contrário, o objetivo é apenas tirar a nota mil para adentrar na Universidade e gerar lucro para todo esse sistema.

Não satisfeito com o que já tinha obtido até então, me propus, no Capítulo II, a compreender e analisar os processos de apagamento da forma-sujeito professor de português nesse processo da escrita da redação nota mil no *Instagram*. A ganância pelo lucro, fruto do capitalismo neoliberal mortífero em que estamos inscritos, por intermédio do

empreendedorismo, tão incentivado pela BNCC (2019), produz efeitos significativos que apagam o lugar social de sujeitos que dedicam mais de quatro anos de formação para obter um diploma e poder lecionar, assim como eu. Nessa conjuntura, pude analisar, não apenas no Capítulo II, mas ao longo de toda essa jornada, que, no *Instagram*, valendo-se do notório saber (Brasil, 2019), qualquer sujeito-usuário que, supostamente, detém conhecimentos sobre a redação do ENEM pode-se autointitular professor e ensinar modelos textuais prontos com objetivo de gerar lucro e adquirir prestígio.

Sob essa ótica, chego ao fim desta monografia com a sensação de dever cumprido. Ao longo deste trabalho pude observar a magnitude do poder de influência do ENEM nas práticas educacionais brasileiras, sobretudo nos últimos anos. Interpelado pelo capitalismo neoliberal, o AIE escolar transformou-se em um ambiente voltado exclusivamente para esse exame. O ensino brasileiro, dessa maneira, especialmente no Ensino Médio, tem como objetivo ensinar para aprovação, pois isso significa a garantia e manutenção dos lucros. Com base nessas condições de produção, pude, então, entender o quão frágil tornou-se o lugar social do professor nesses últimos anos. Em meio a todos os ataques à educação e à figura do professor, hoje em dia ser professor é um ato de resistência e de constante reafirmação.

Acredito que o percurso que trilhei lançou luz sobre isso, especialmente sobre o fato de que a BNCC e a noção de notório saber que ela institui emergem como uma ferramenta de apagamento da forma-sujeito professor. Essa desvalorização contribui, todos os dias, para a naturalização dos ataques constantes à figura docente e à educação brasileira de qualidade. Dessa forma, com base nos pressupostos teóricos aqui dispostos, entendo que essa monografia contribui, de certa forma, para as discussões na área da Linguística sobre o texto e seu ensino, sobretudo acerca da redação do ENEM, que é vendida e ensinada como um quebra-cabeça sob a luz de um entendimento de língua como sistema.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2. Ed.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *A redação no Enem 2022*: cartilha do participante. Brasília, 2022.
- COSTA-CARNEIRO, T. C.. *Vender-se(r) no Grindr: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo masculino*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49309>. Acesso em: 12/09/2023.
- GRIGOLETTO, E. *O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. 2005. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (org.). *Discursos em rede*: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011, p. 41-78.
- GRIGOLETTO, E.; FRANÇA, T. A. Imagens do/no espaço virtual: sobre as condições de produção do discurso de ódio no Facebook. In: SILVA, F. V.; ABREU, K. F. (orgs). *O império do digital*: teoria, análise e ensino. Curitiba: Editora CRV, 2018, p. 33-56.
- GRIGOLETTO, E. Sou mulher de verdade, empoderada, feminina: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico. Maceió: Leitura, n. 69, p. 187-205, mai./ago. 2021.
- HAN, B. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. P.; *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 33-80.
- KRAMER WANDERLEY, R. K.. *Da inspiração à interpelação*: o discurso fitness no Instagram. 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39008>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- MARIANI, B. Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de fake news e processos de identificação. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, v. 17, p. 3-18, jul-dez./2018.
- ORLANDI, E. P. *Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. RUA, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 9–20, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>. Acesso em: 26 jul. 2023.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PAVEAU, M. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5.ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2014a, p. 59-158.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. [1975]. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5.ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2014, p. 159-249.

PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5ª ed., Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 2014b.

SCHONS, C. R.; GRIGOLETTO, E.. *O texto como possibilidade de ruptura: análise do funcionamento do gênero midiático*. Revista Desenredo, v. 3, n. 2, p. 213-226, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/533>. Acesso em: 22/08/2023.

ZUBOFF, S. *Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação*. In: BRUNO et al. (org.) *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 17-67.